

Laboratório de Arquitectura II

2º semestre

Joana Ferreira Pacheco Melo Borges

ÍNDICE

Sítio

Fotografias da maquete 1:1000

Desenho de análise do lugar

Fotografias da maquete proposta 1:1000

2ª Fase

Lado Poente

Proposta

Imagem de referência

Citação – Síntese da proposta

Esquiço de síntese

Fotografias da maquete 1:200

Plantas e perfis 1:200

Fotografia da maquete espaço relevante 1:50 (facultativo)

Desenho(s) complementar(es) / visão serial

Fotografias das maquetes de trabalho (várias escalas)

1ª Fase

Lado Nascente

Proposta

Imagem de referência

Citação – Síntese da proposta

Esquiço de síntese

Fotografias da maquete 1:200

Planta e perfil de conjunto

Fotografias da maquete 1:50 / 1:20 / ...

Planta e corte 1:50

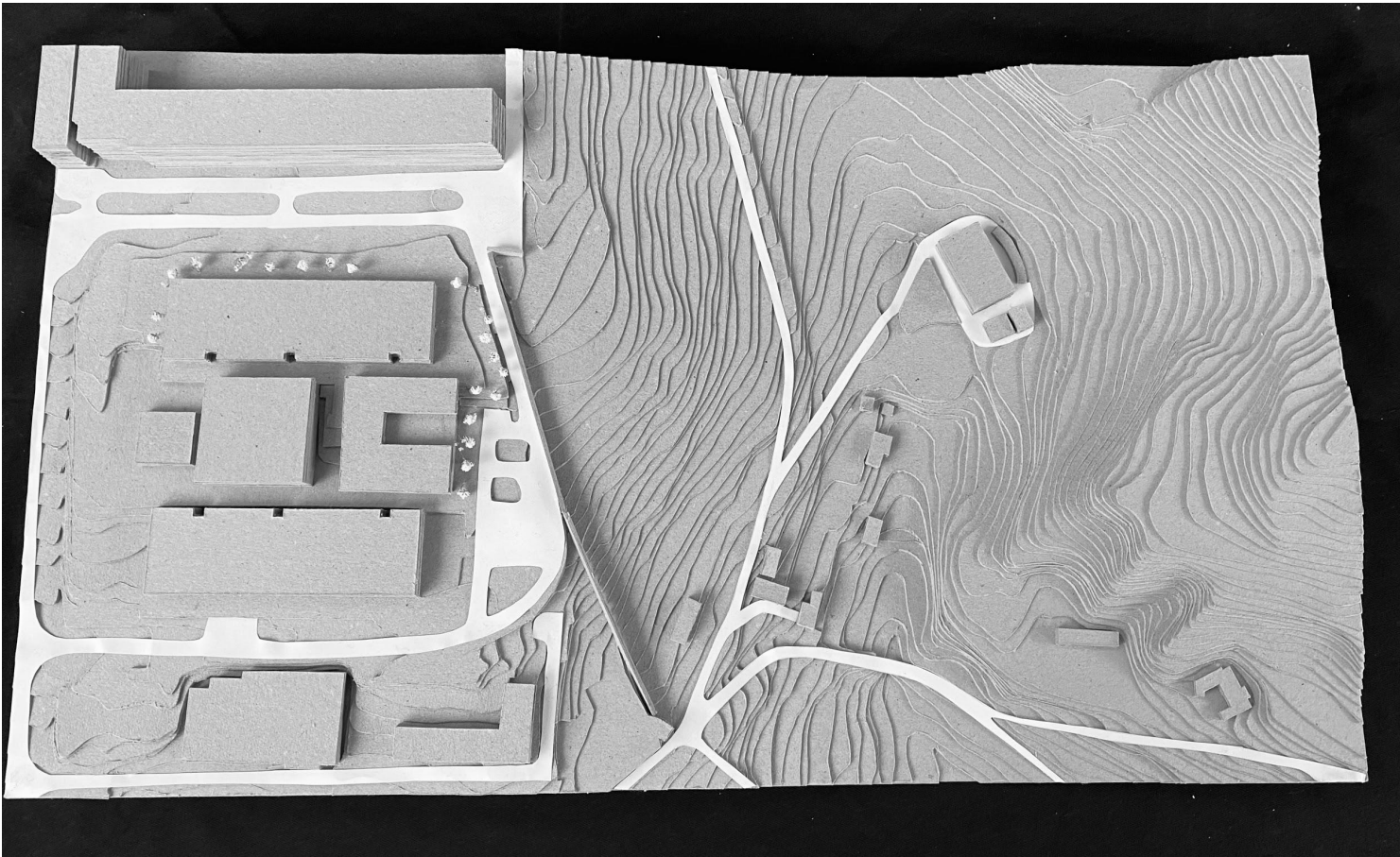
Desenho(s) complementar(es) / visão serial

Processo

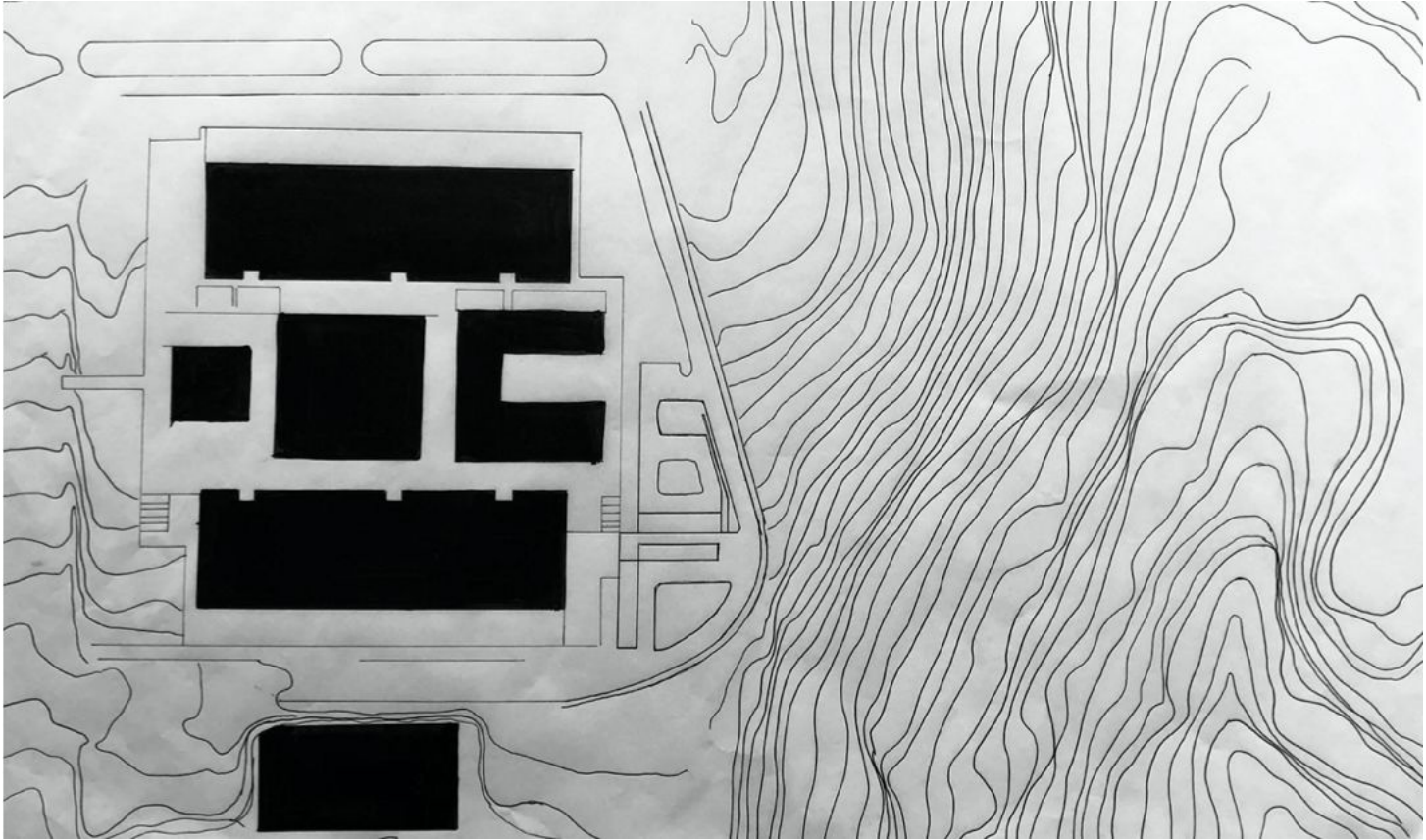
Desenhos exploratórios mais relevantes

Leituras comentadas

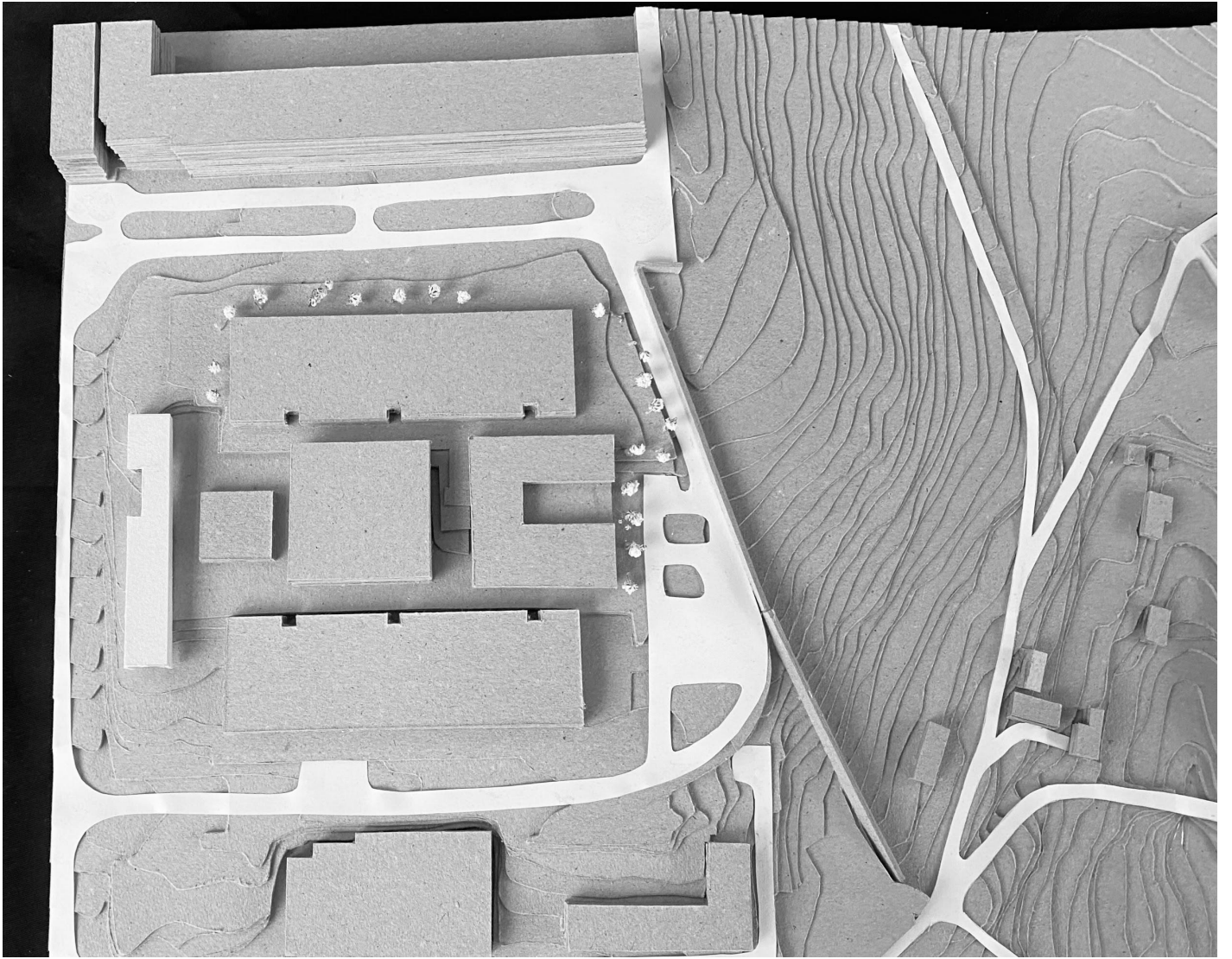
Sítio

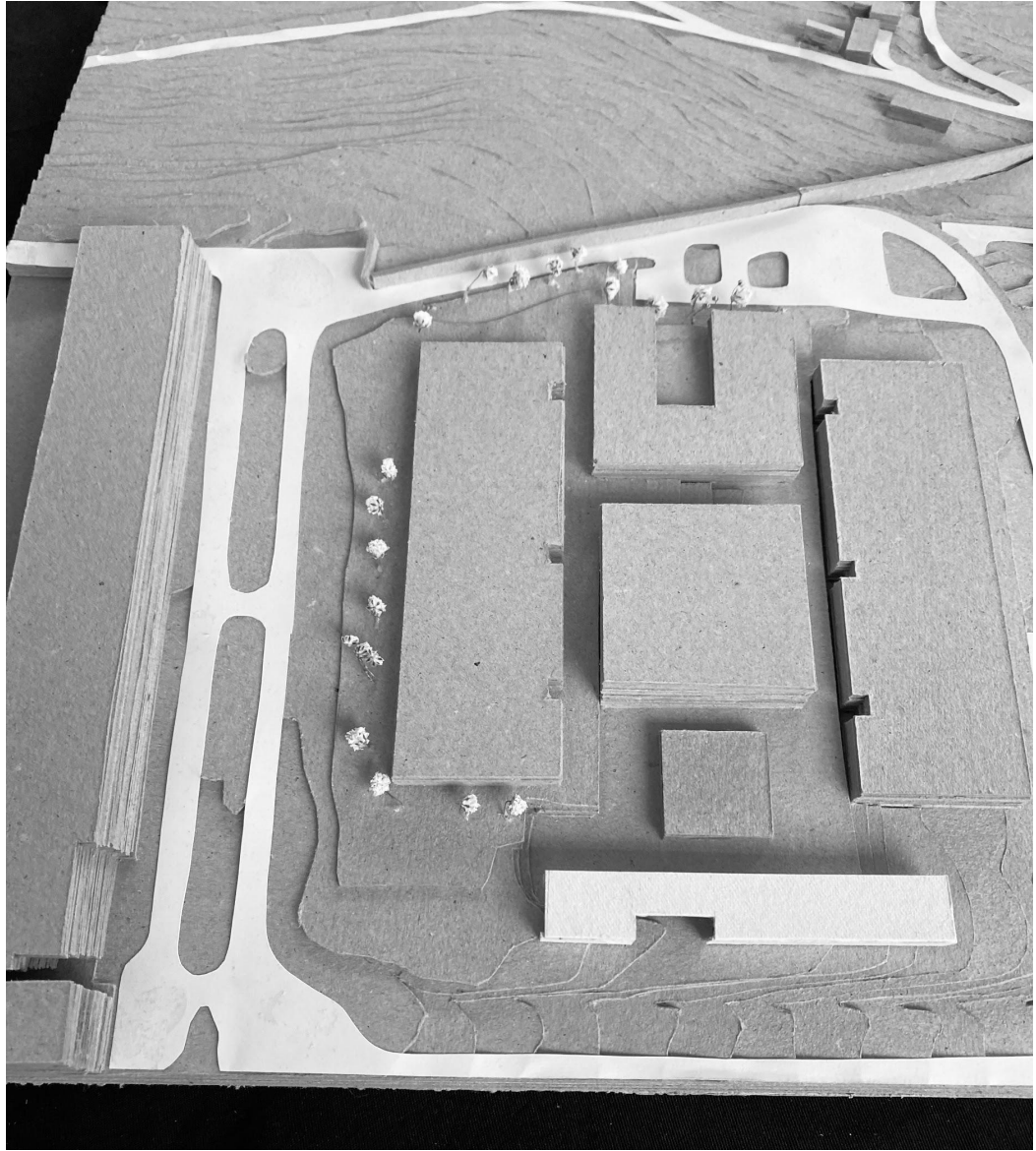






desenho de análise do lugar





2ª fase

lado poente

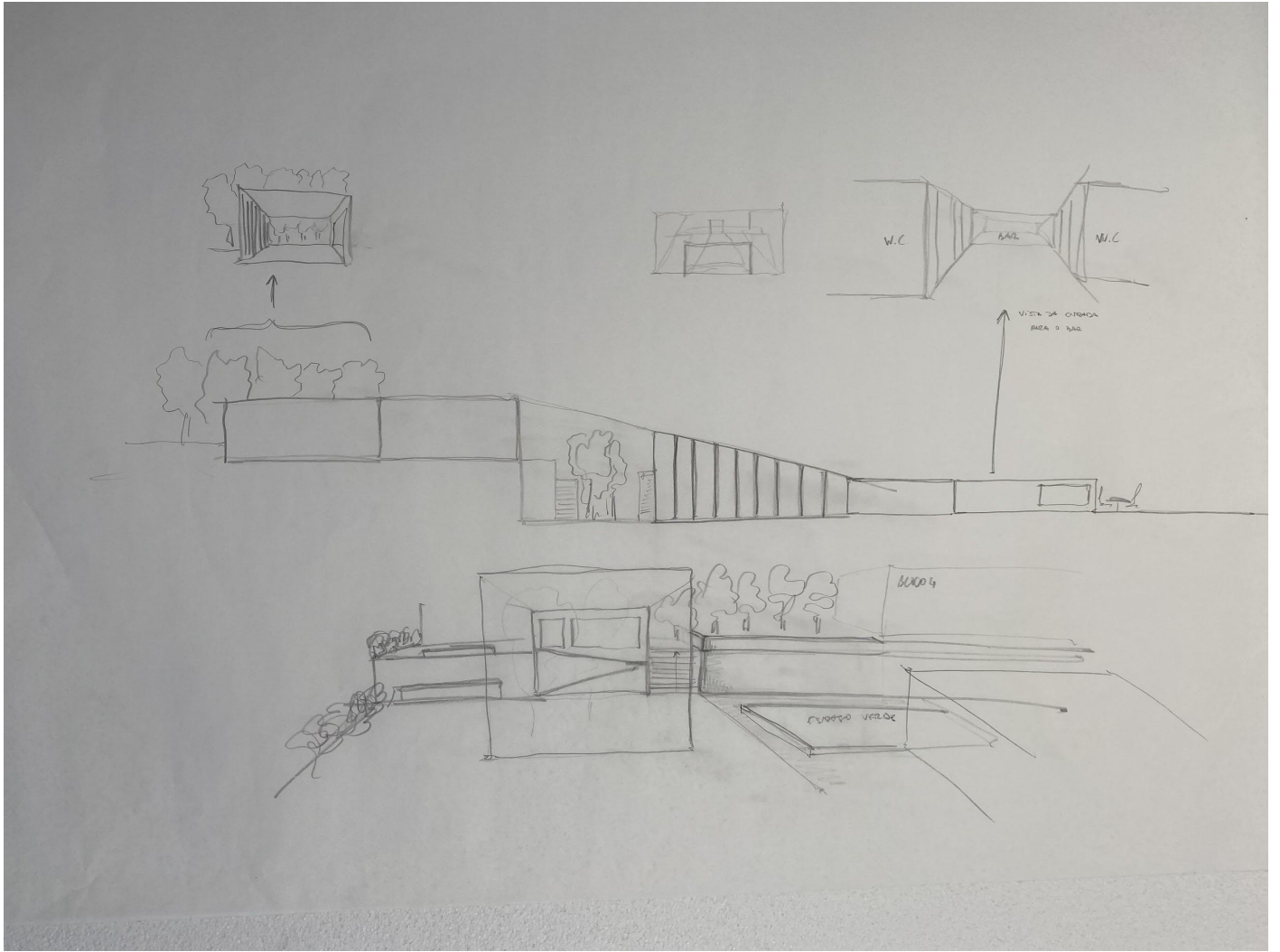
Proposta



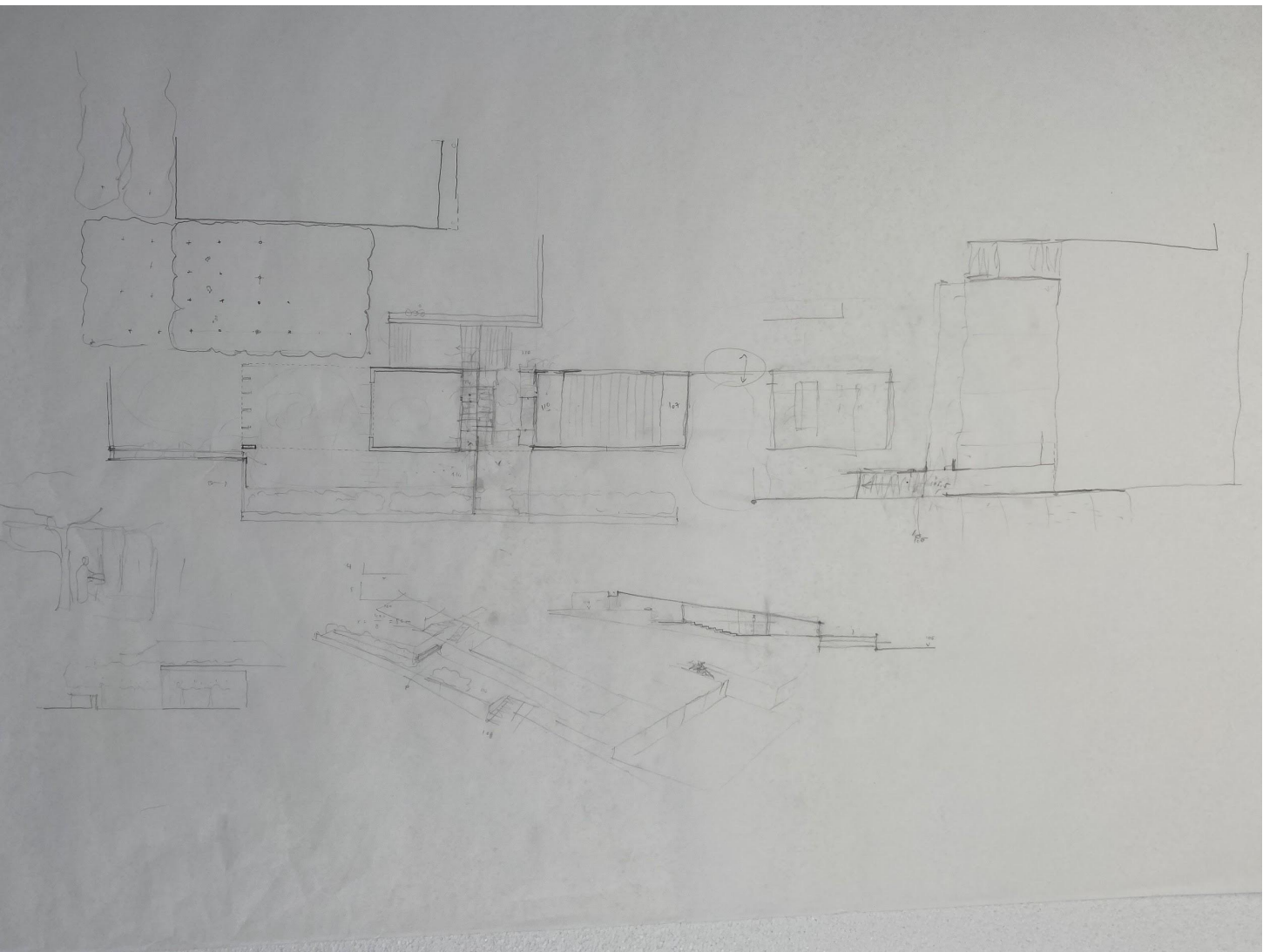
Biblioteca da Universidade de Aveiro
Álvaro Siza Vieira

“Quem faz coisas pequeninas tem tendência a ser pequenino, quem faz coisas grandes tem tendência a ser pouco sensível ao detalhe, porque lida com grandes temas, grandes áreas. Para atingir um equilíbrio na profissão é necessário ter a experiência das várias escalas das várias dimensões.”

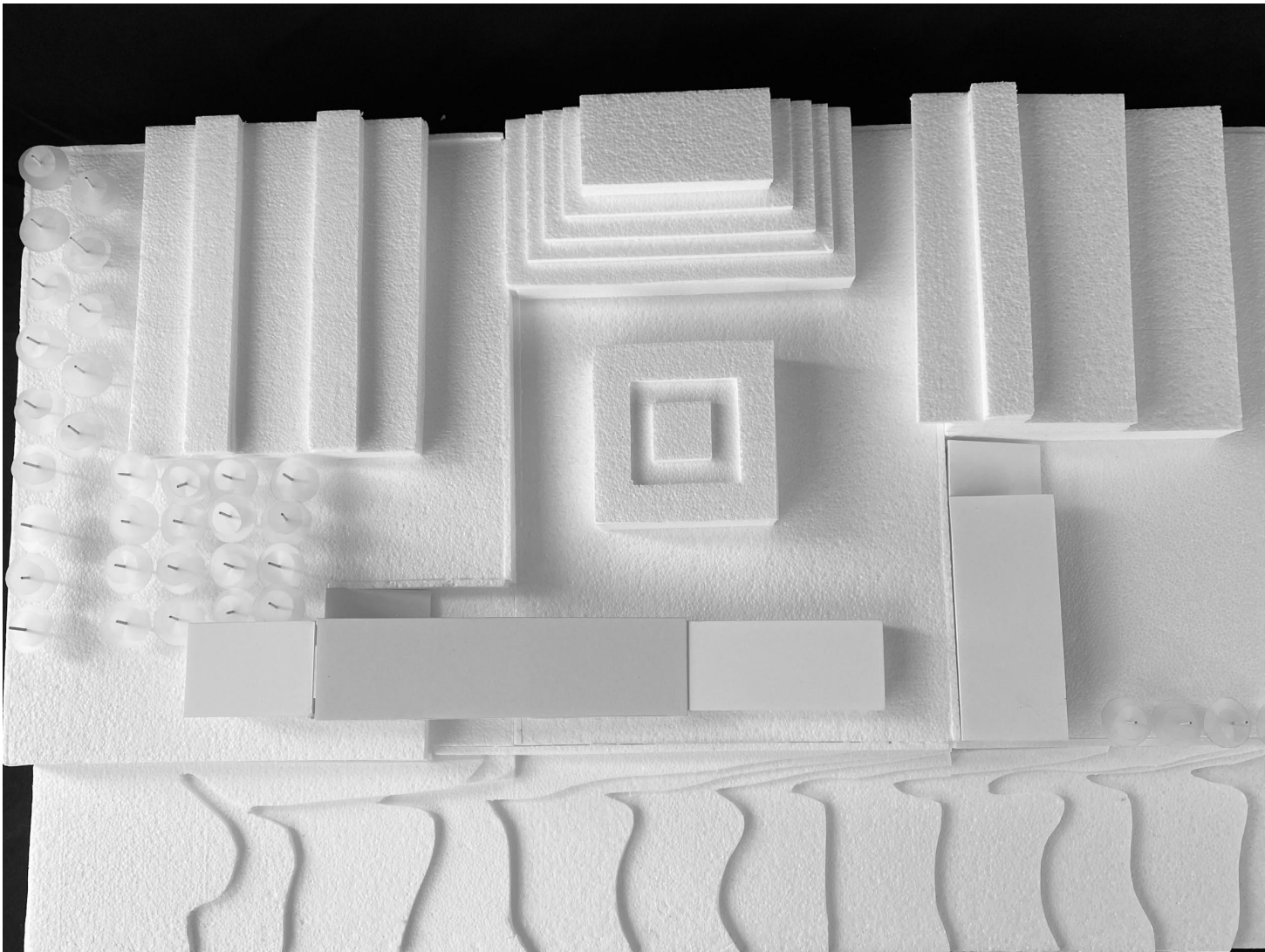
Álvaro Siza Vieira

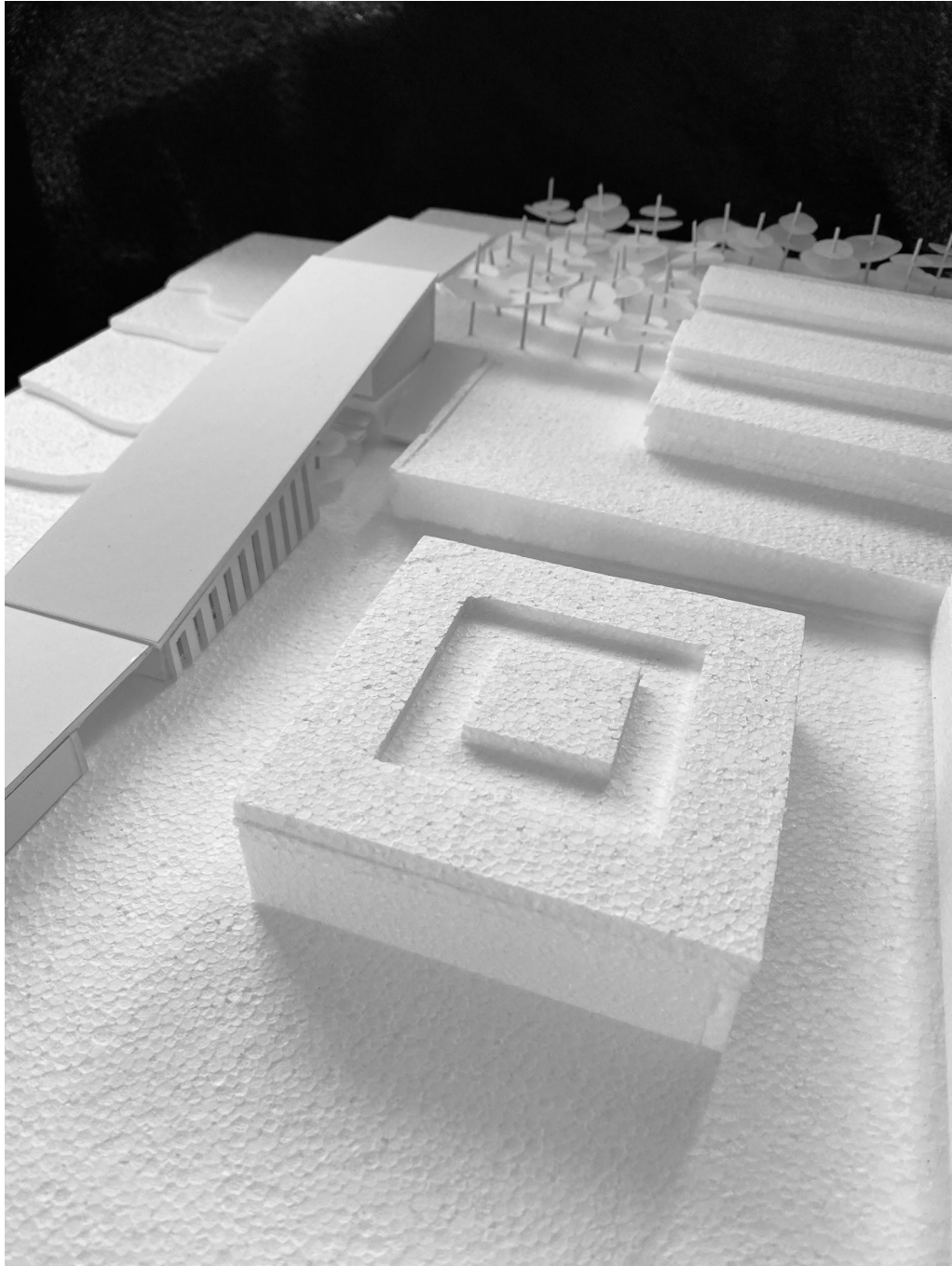


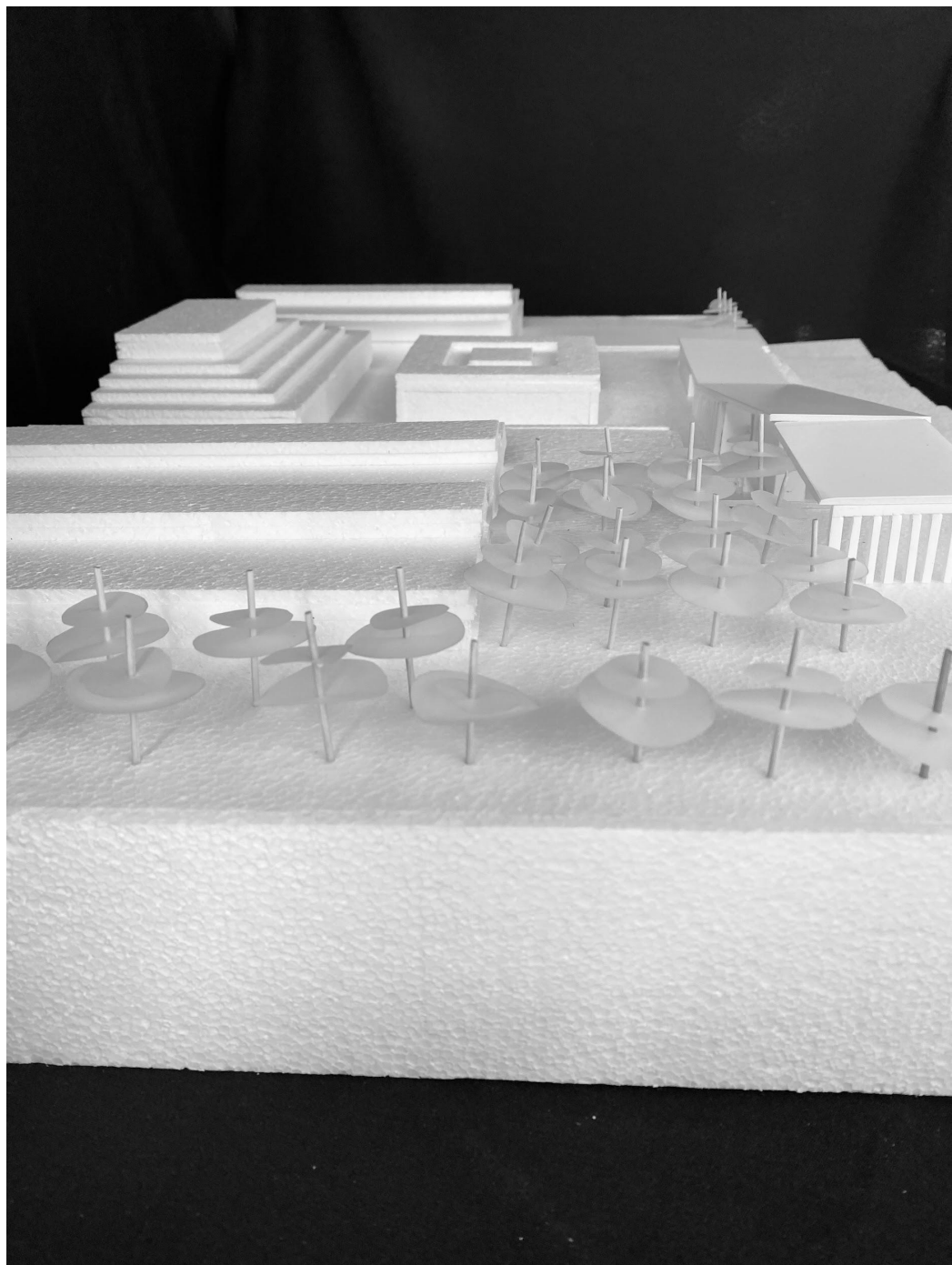
esquiço síntese

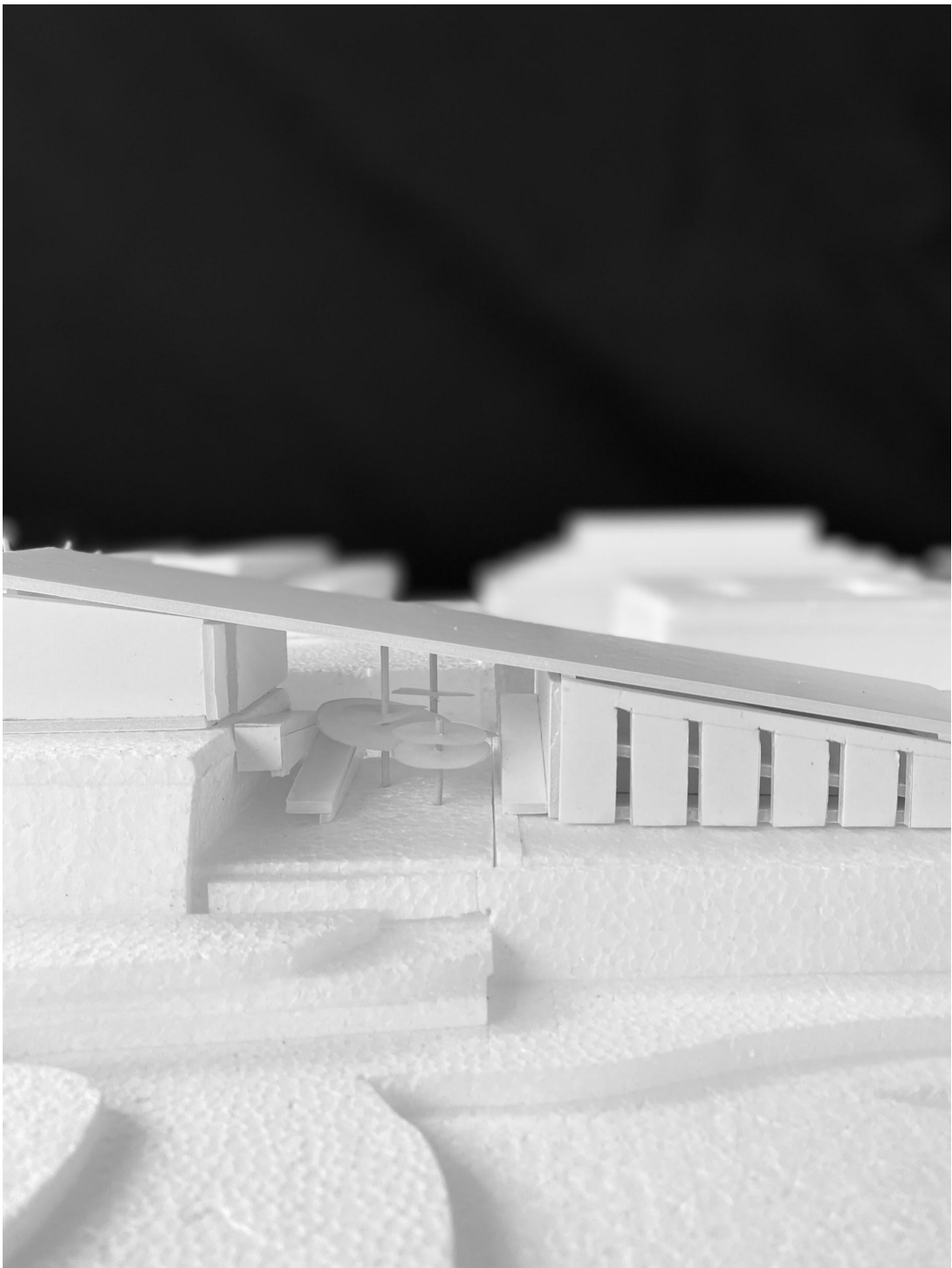


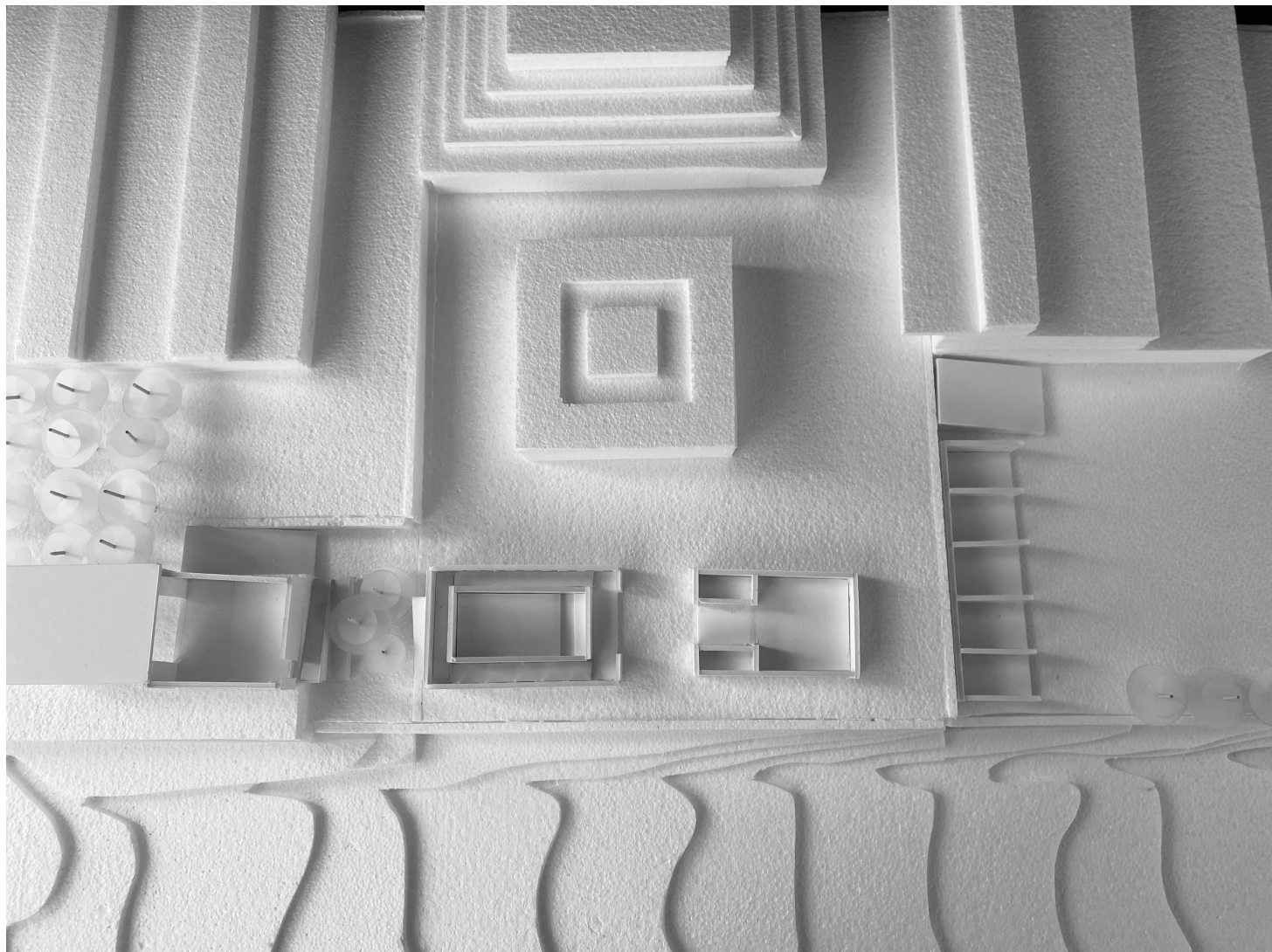


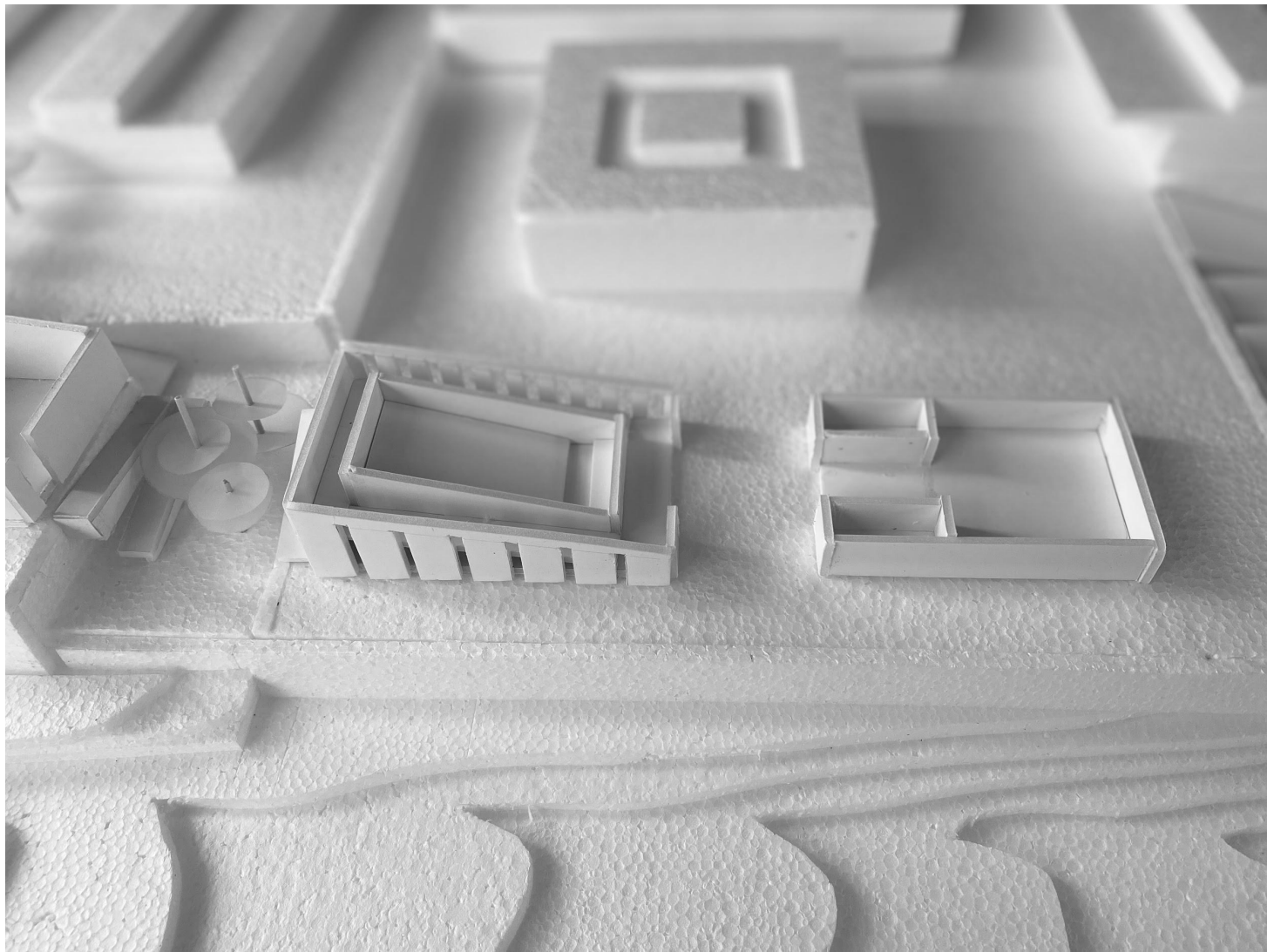


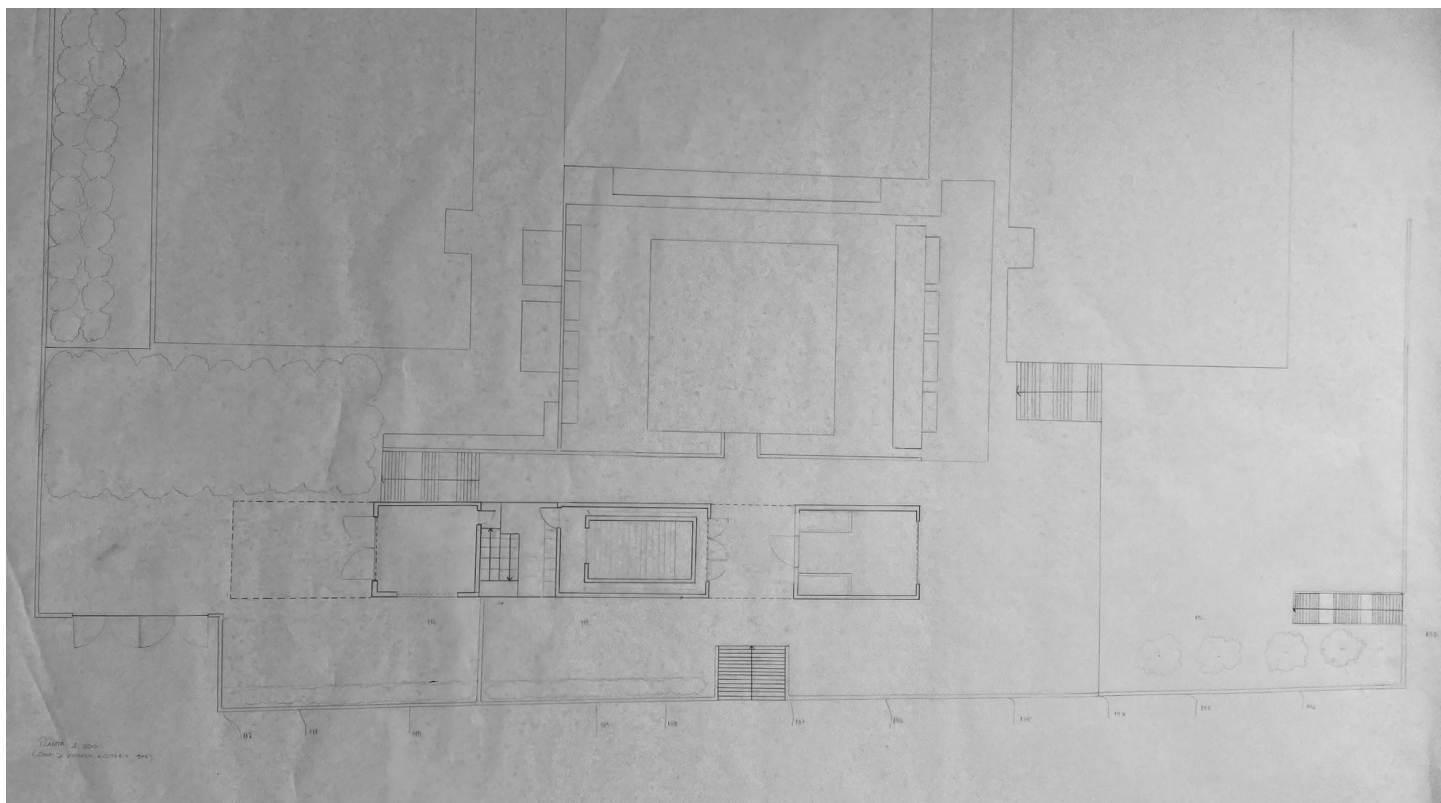




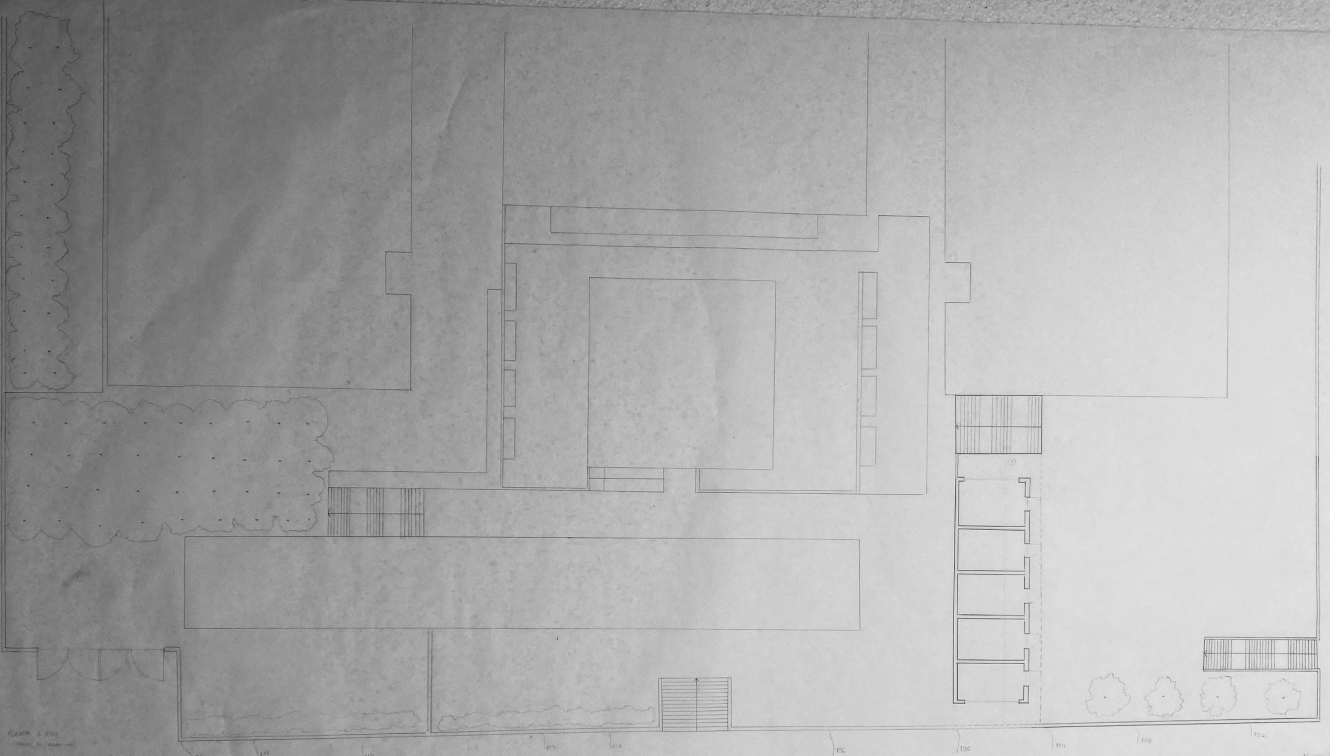








planta e perfil de conjunto

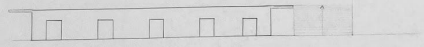


Plano 1.º

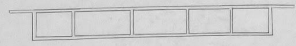
100 150 200 250 300 350 400 450 500 550 600 650 700 750 800 850 900

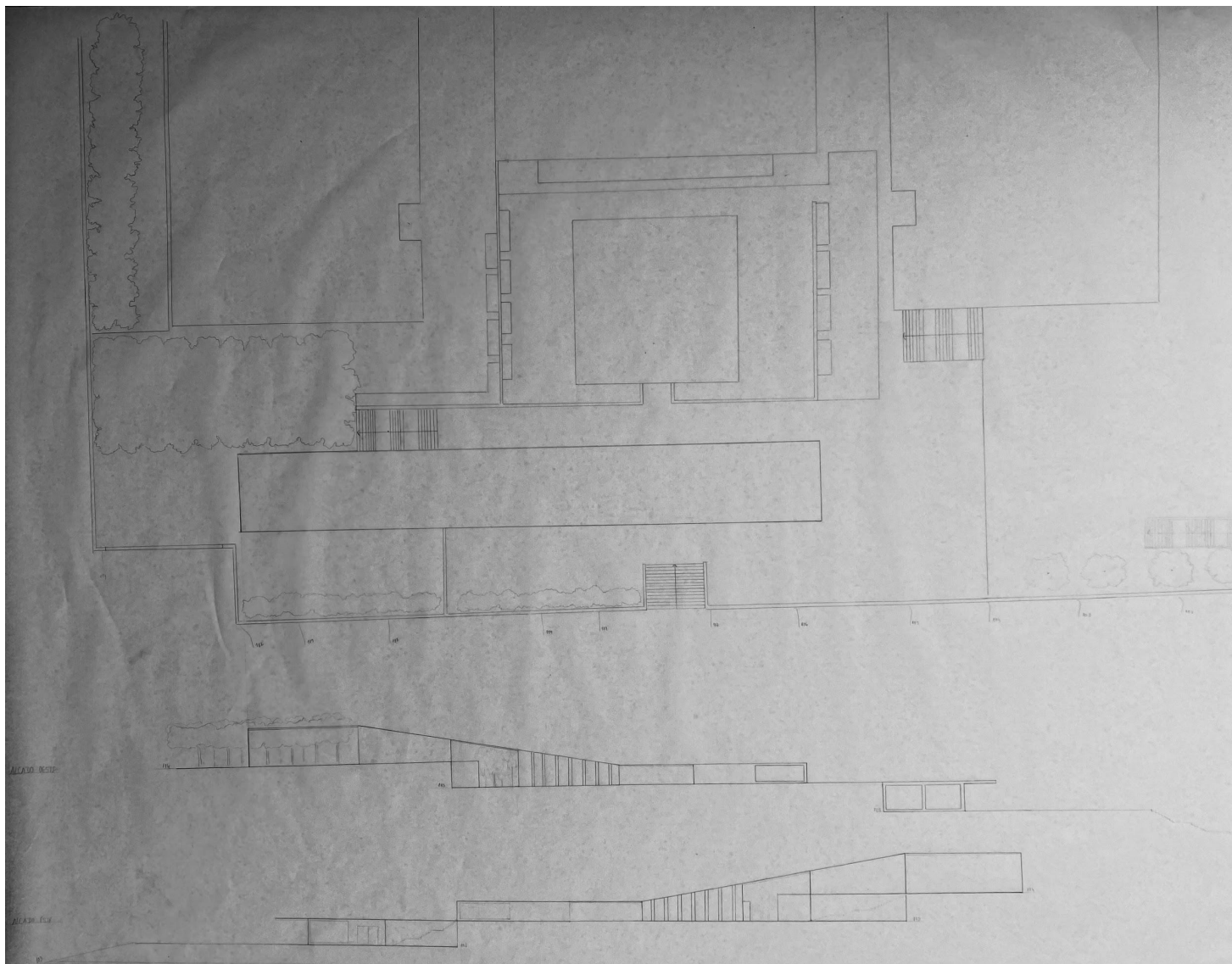


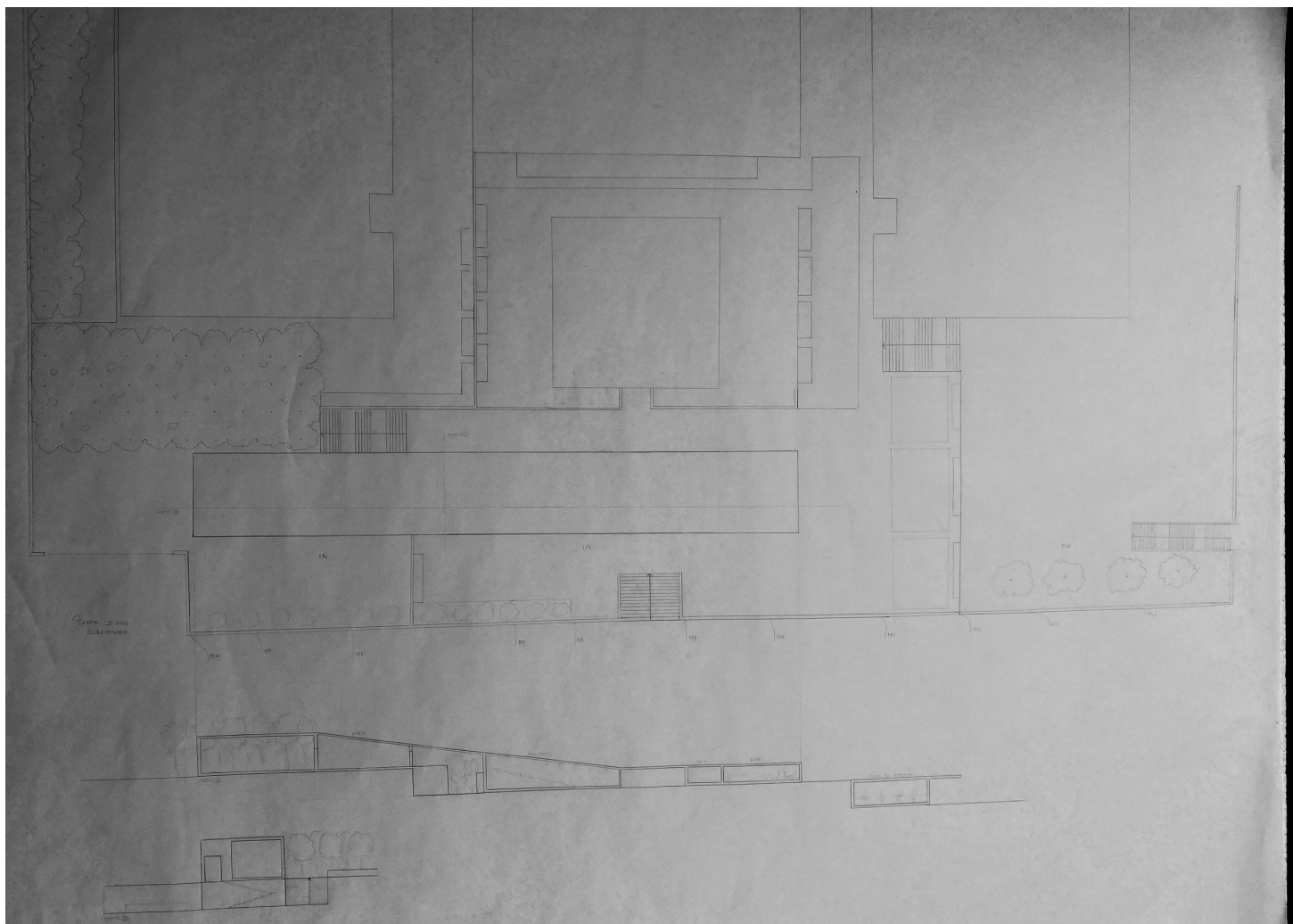
ALCANTO SUL

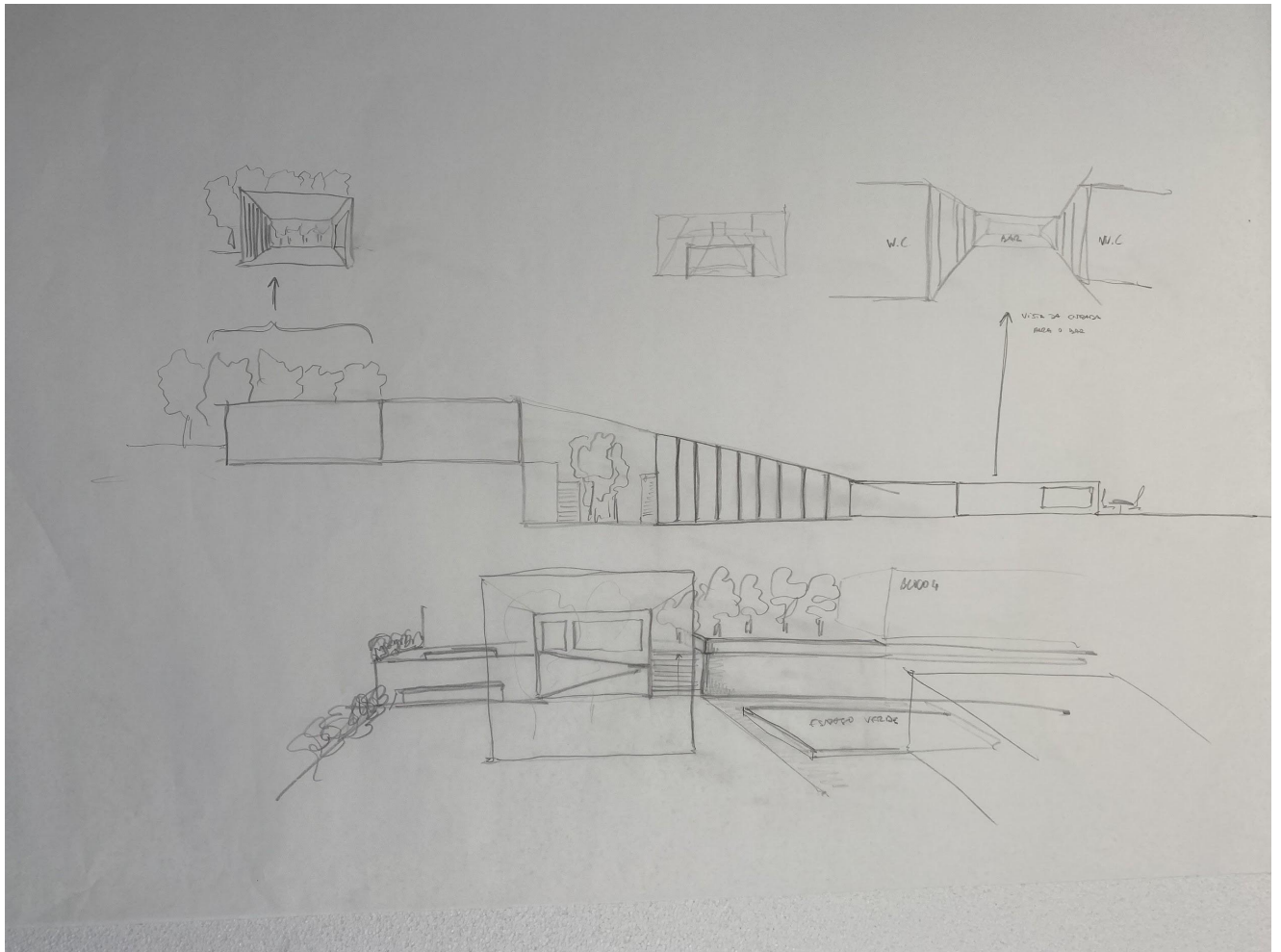


CORTE 3

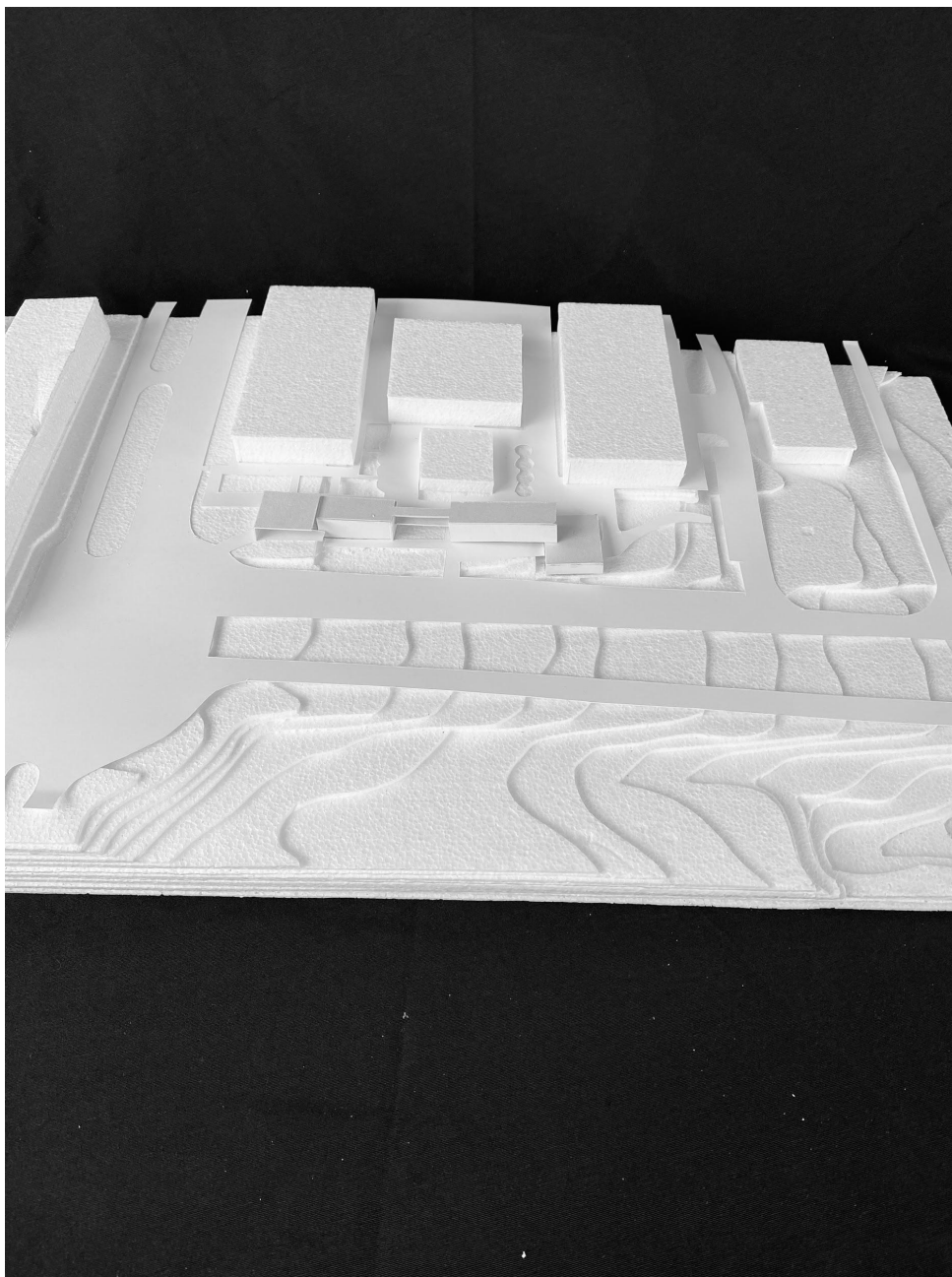








visão serial



fotografias das maquetes de trabalho

1ª fase

lado nascente

Proposta



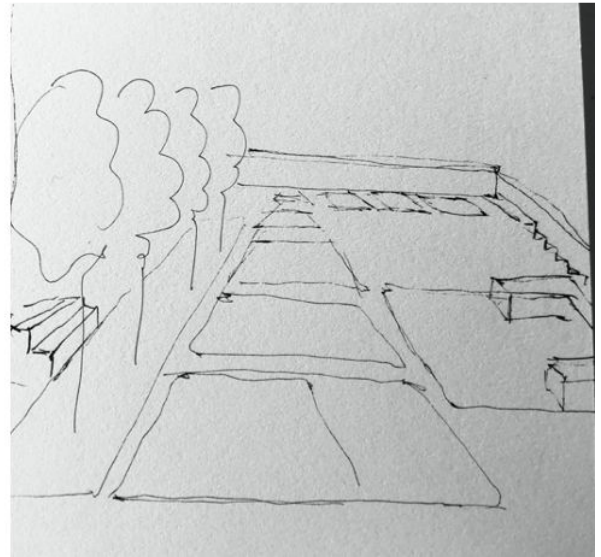
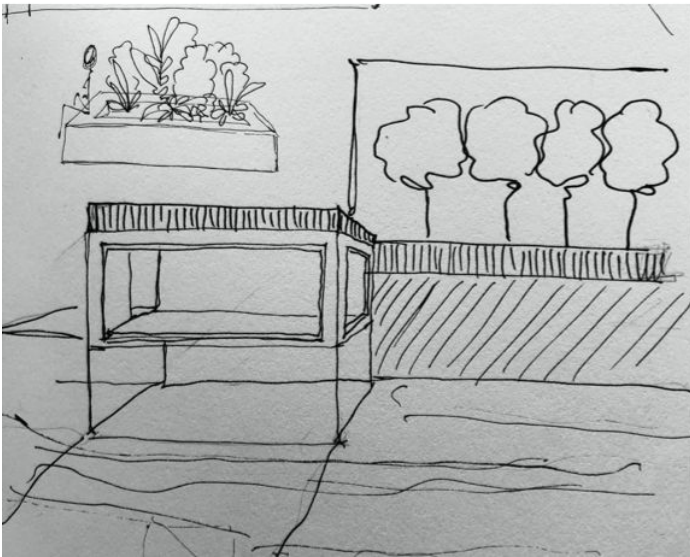
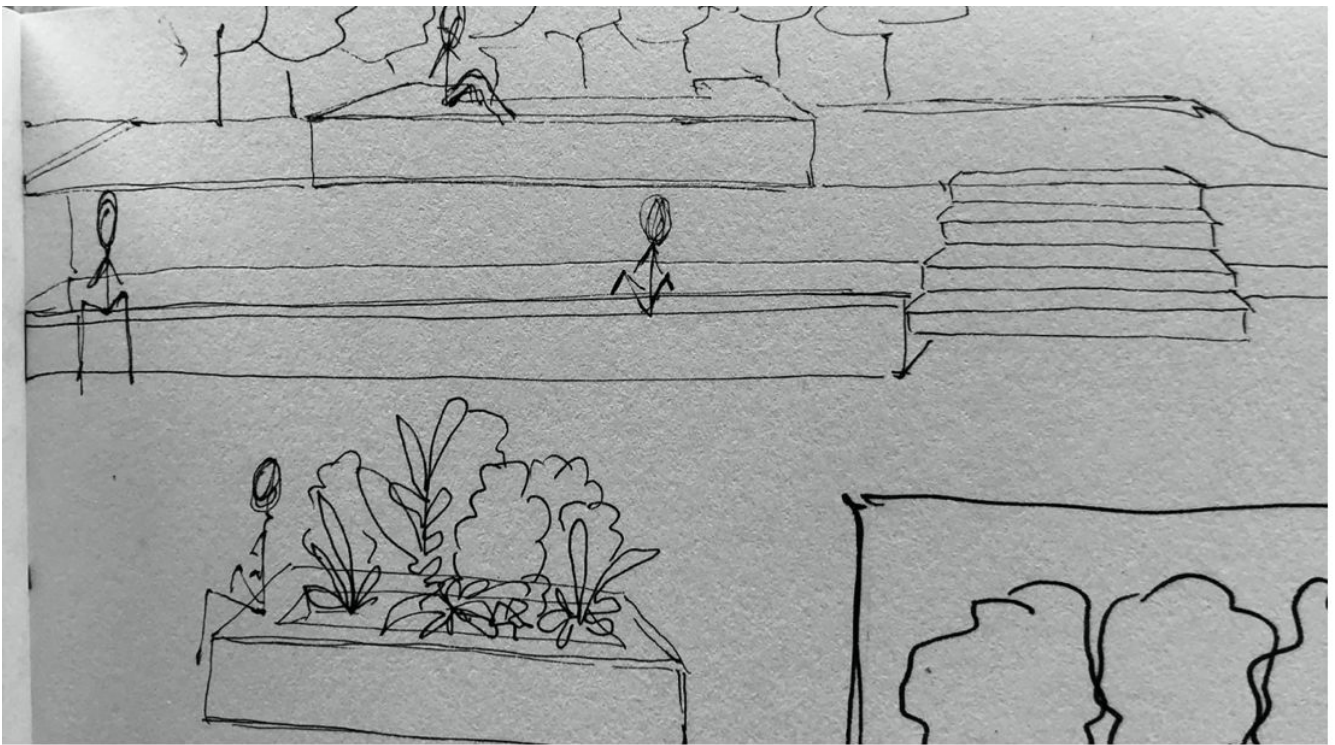
Arquitetos: Ruy Jervis, Pedro Cid e Alberto Pessoa - Fundação Calouste Gulbenkian



“Como é costume dizer-se, o arquiteto tem de estar atento ao mundo, mas por outro lado, tem de ser um bocado esquizoide. Porque quando tem de desenhar, o mundo é uma folha A4.”

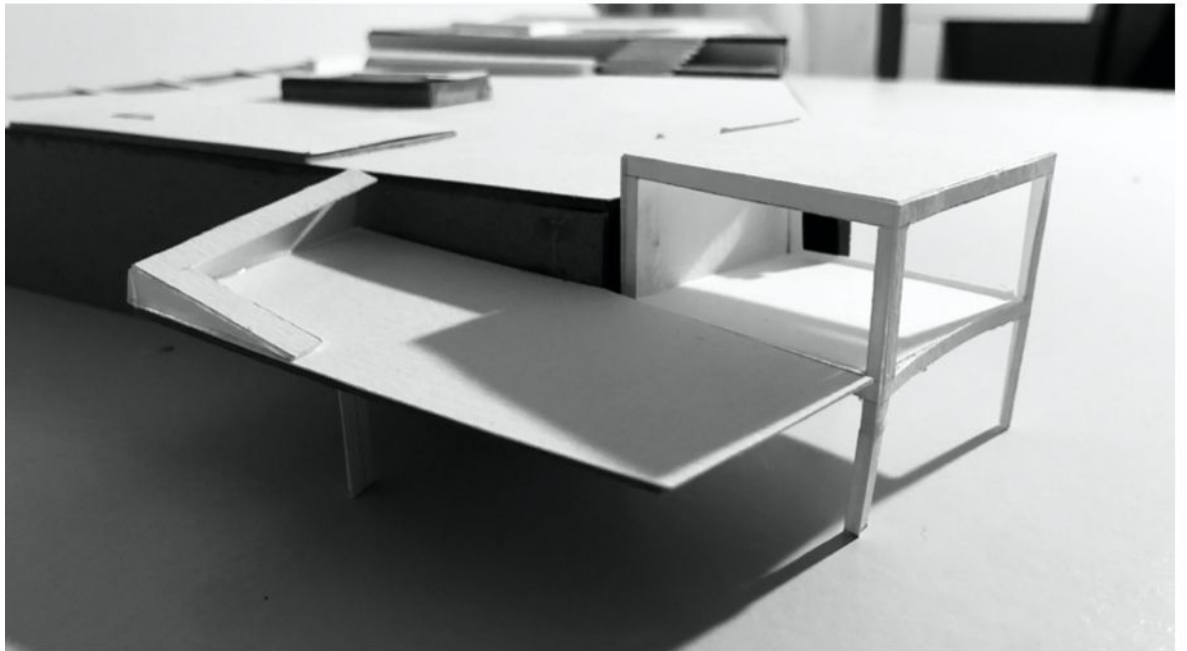
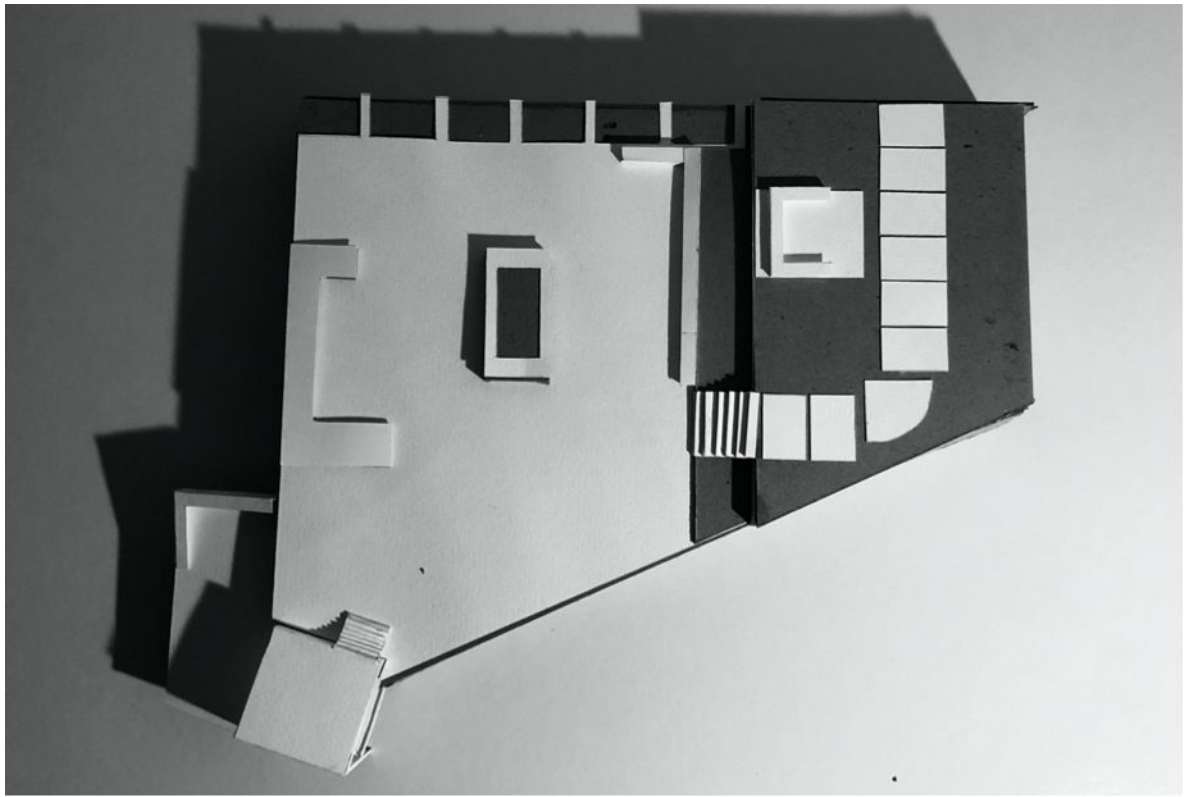
Eduardo Souto de Moura

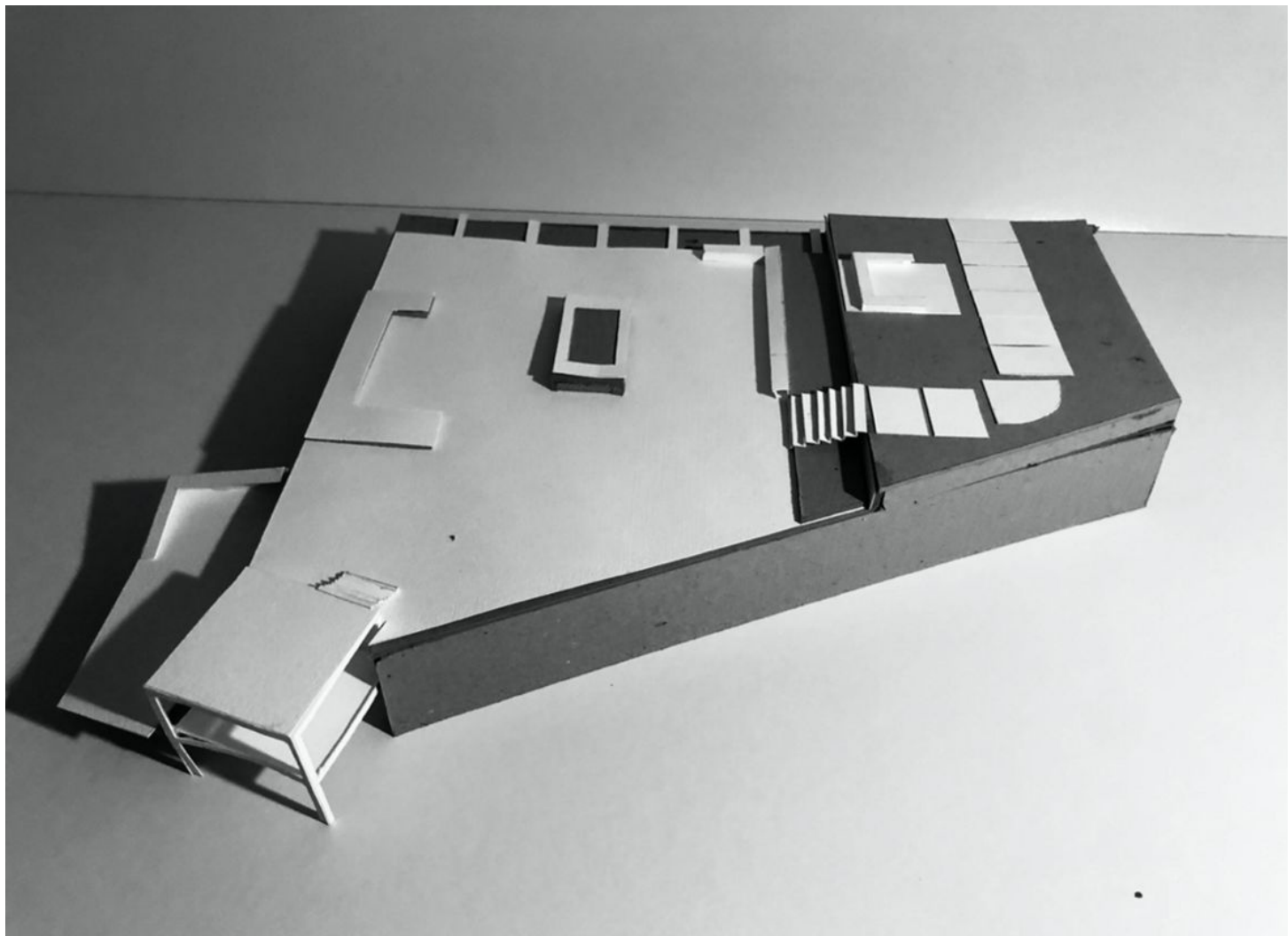


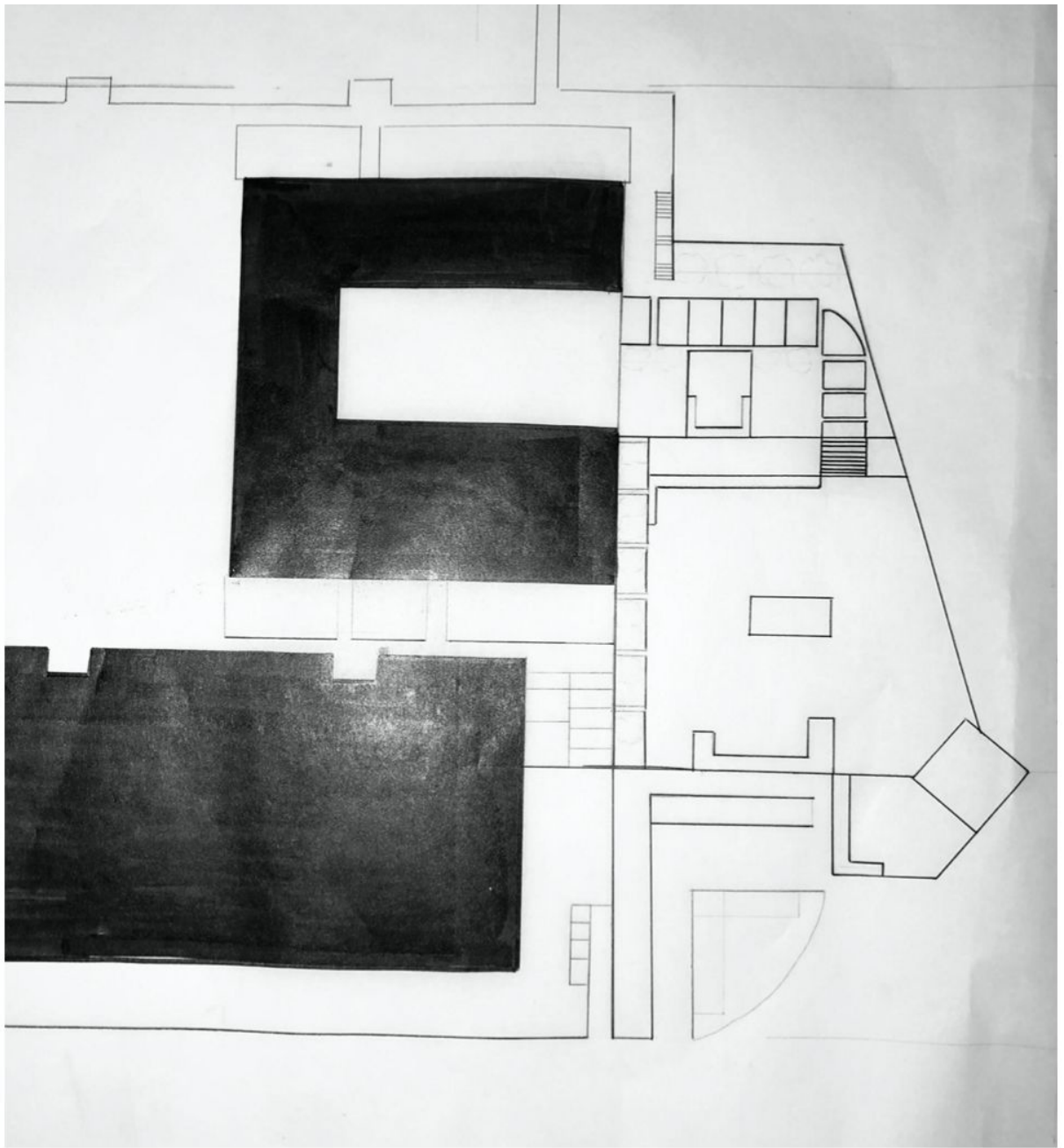


esquiço síntese



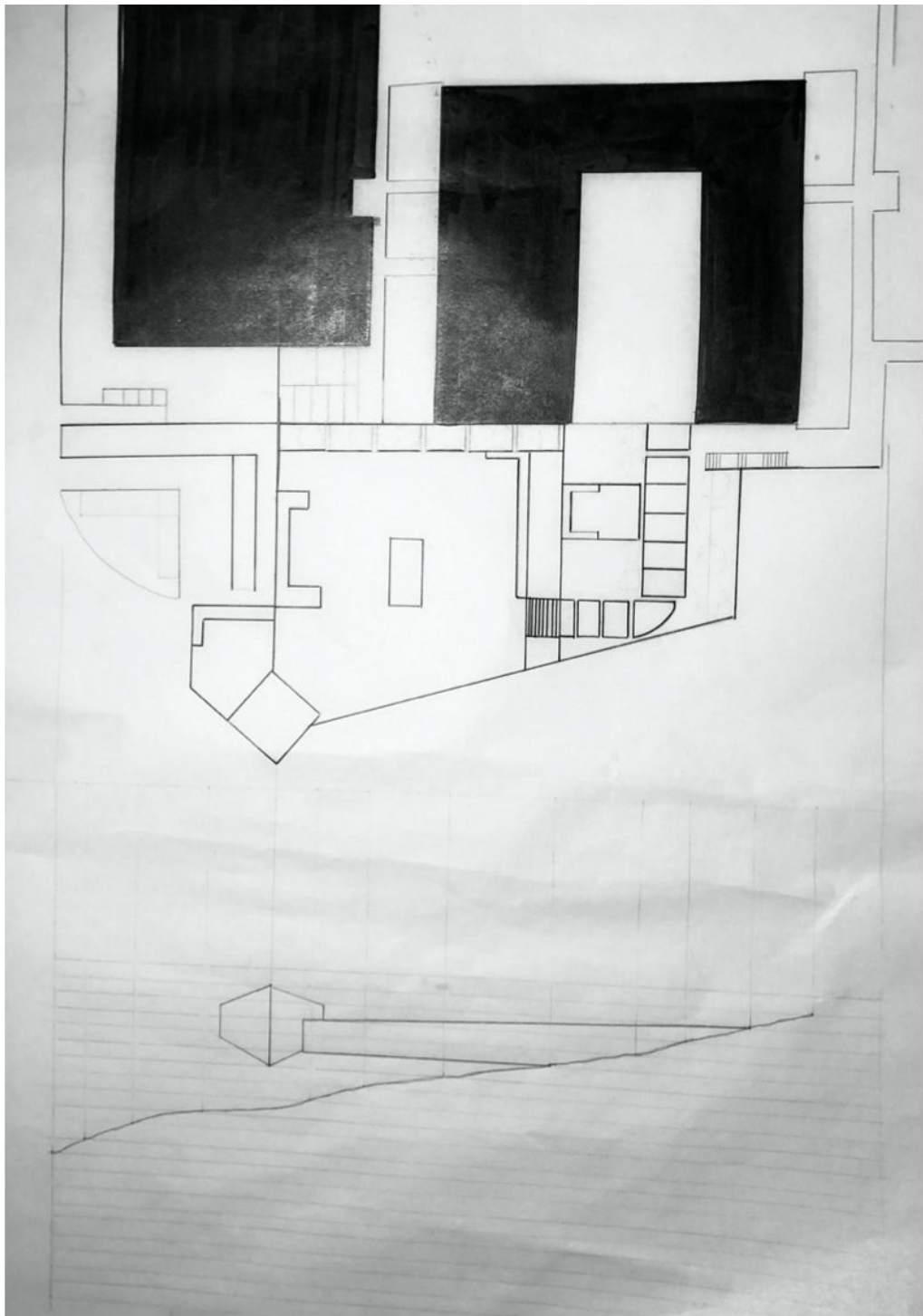


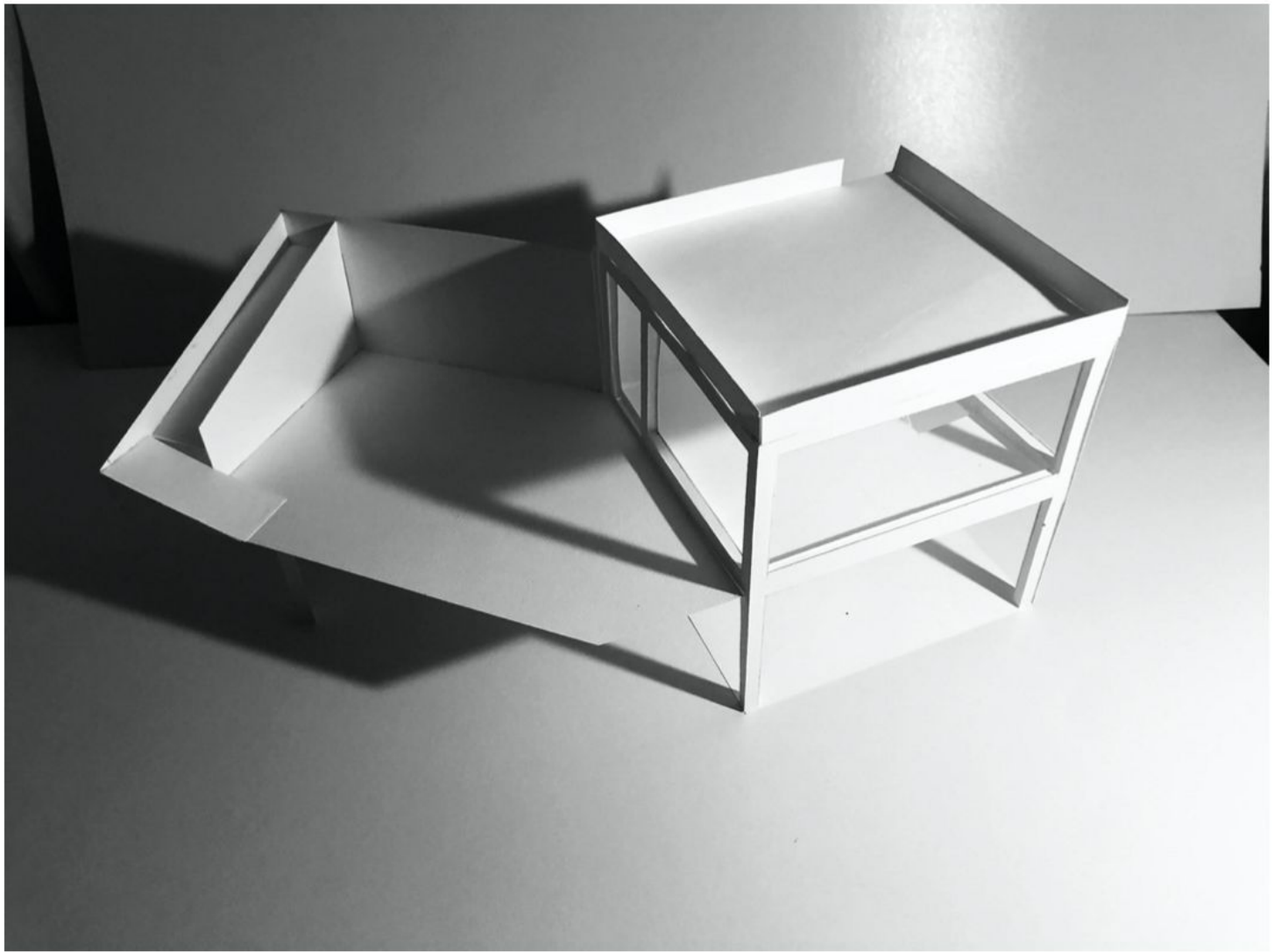




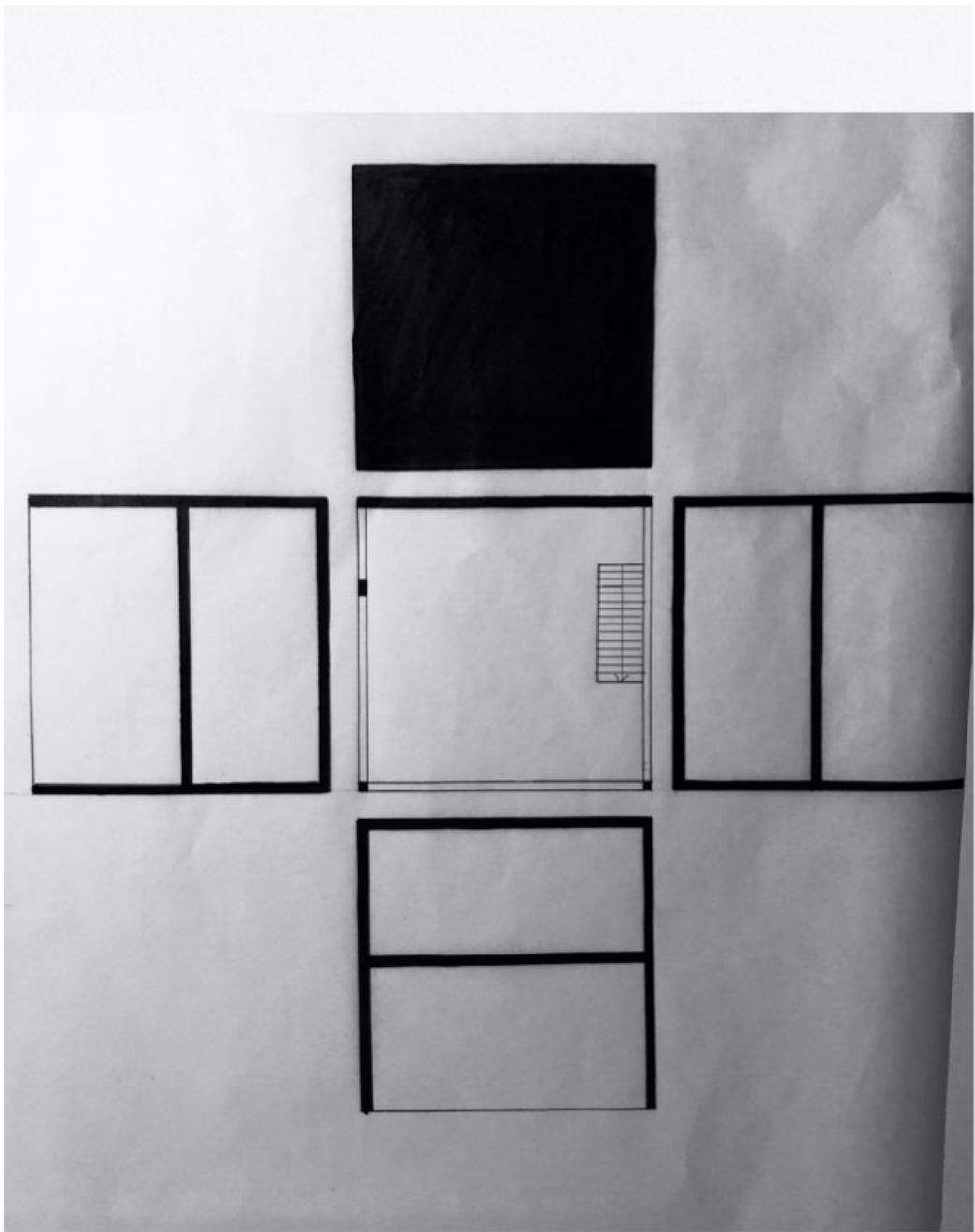
planta e perfil de conjunto





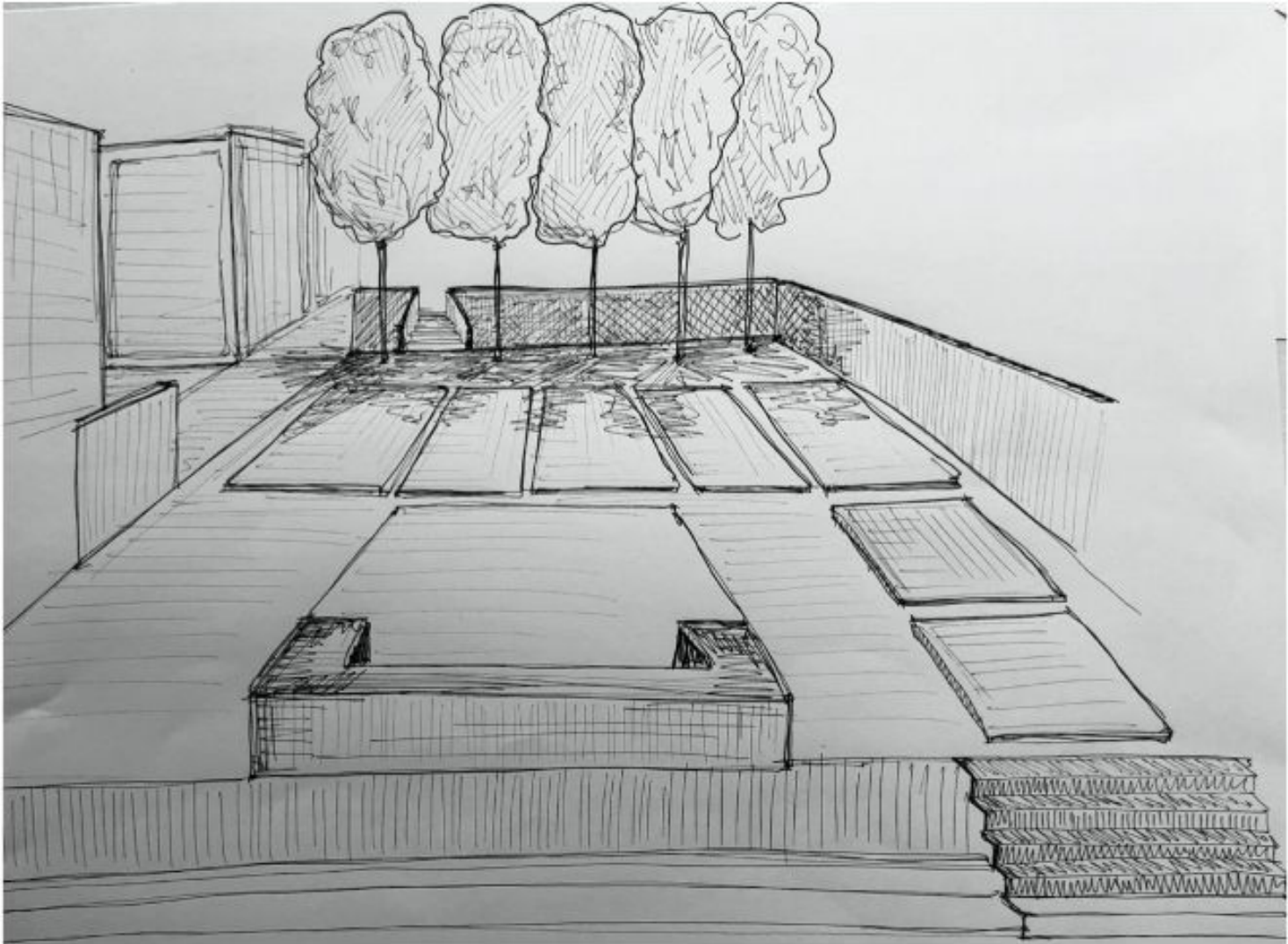






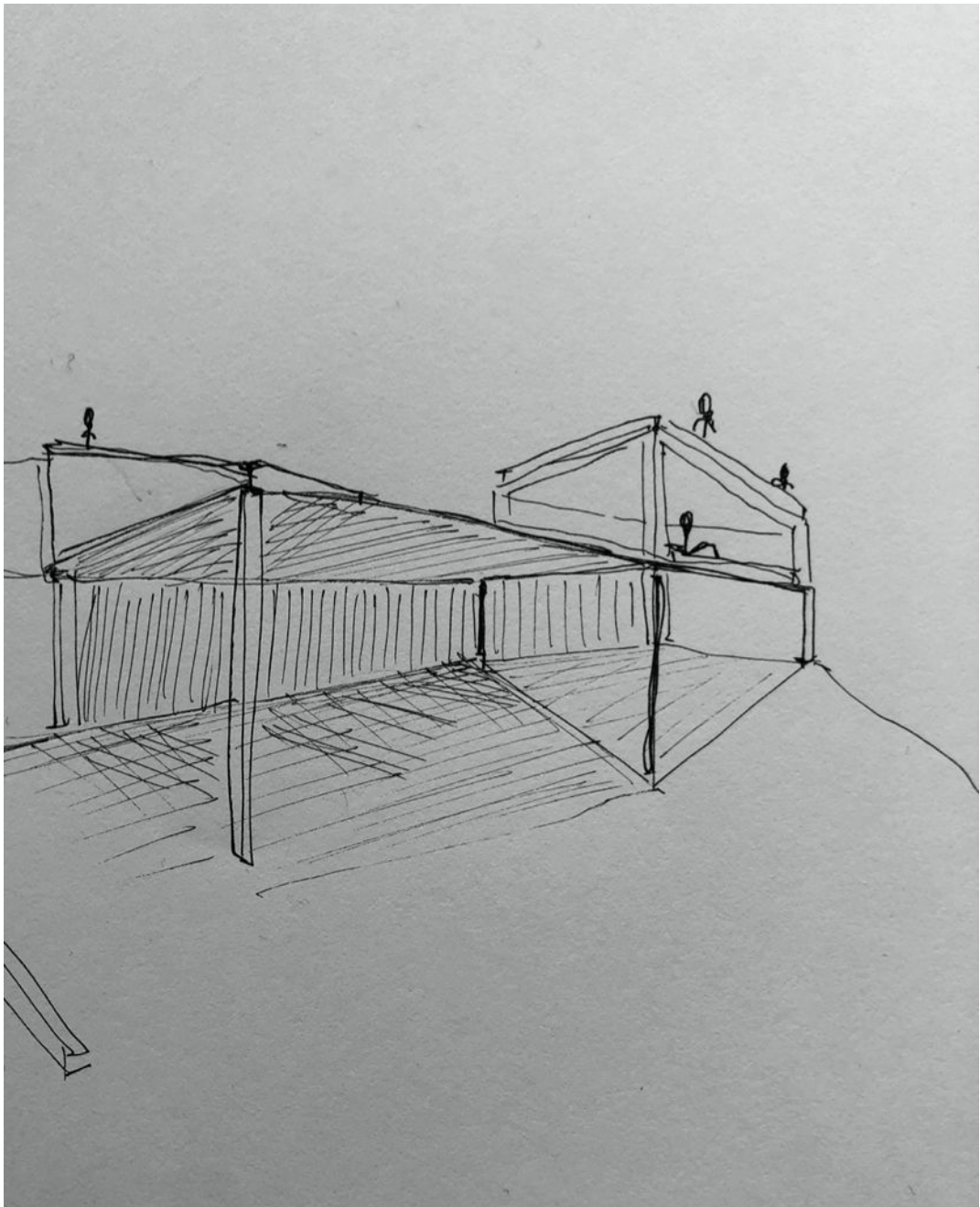
planta e corte

desenho(s) complementares



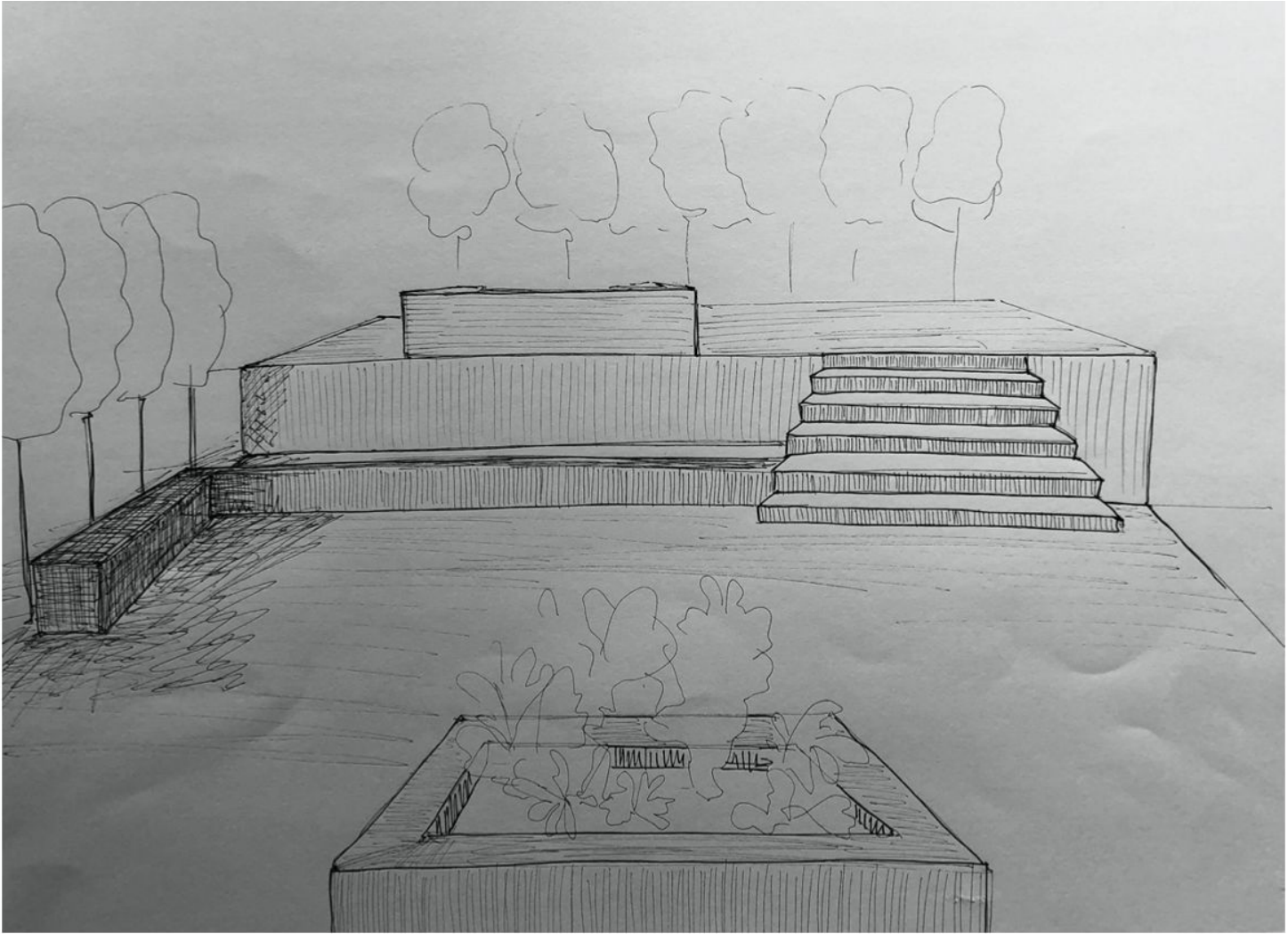
visão serial





visão serial

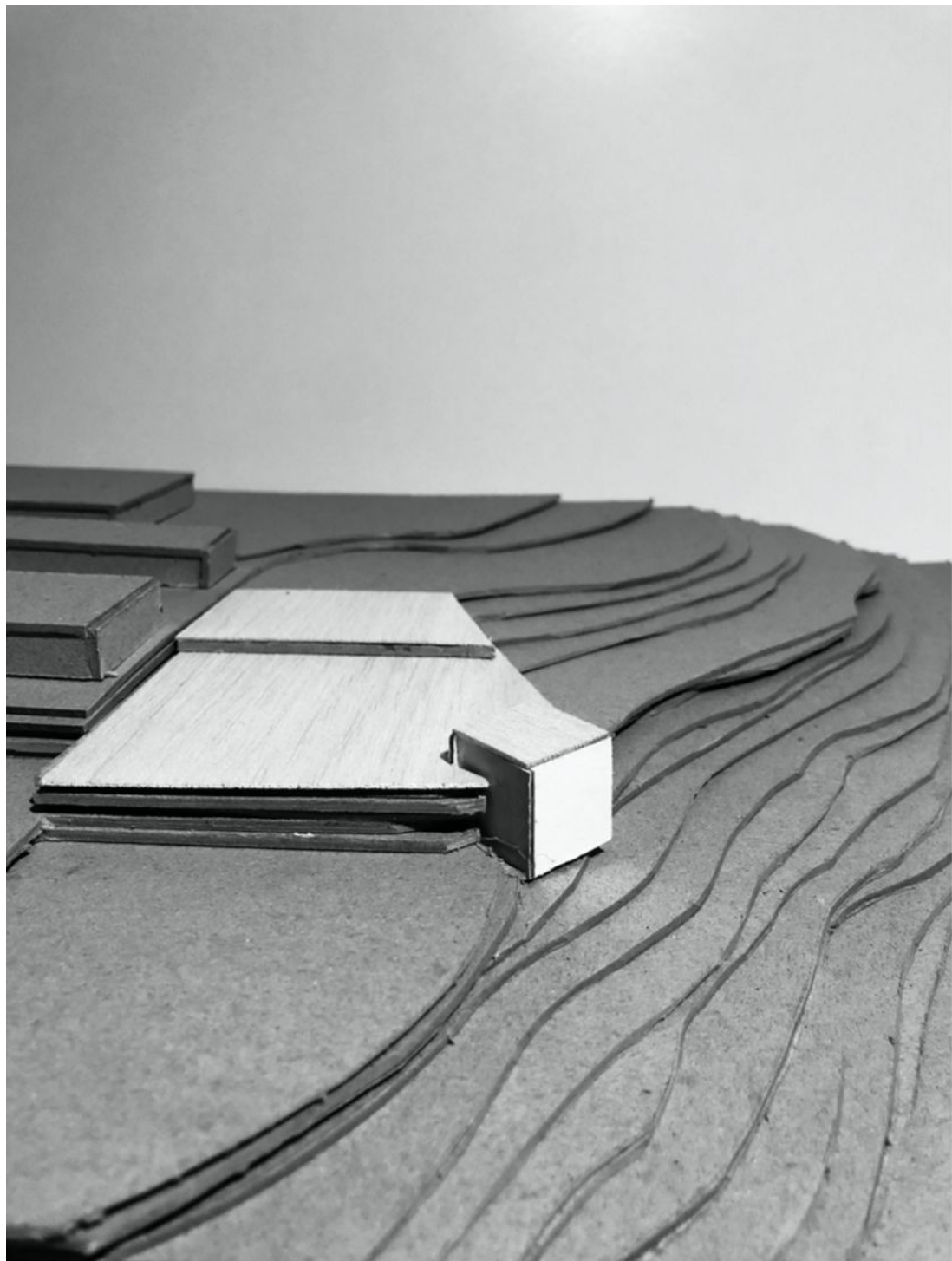


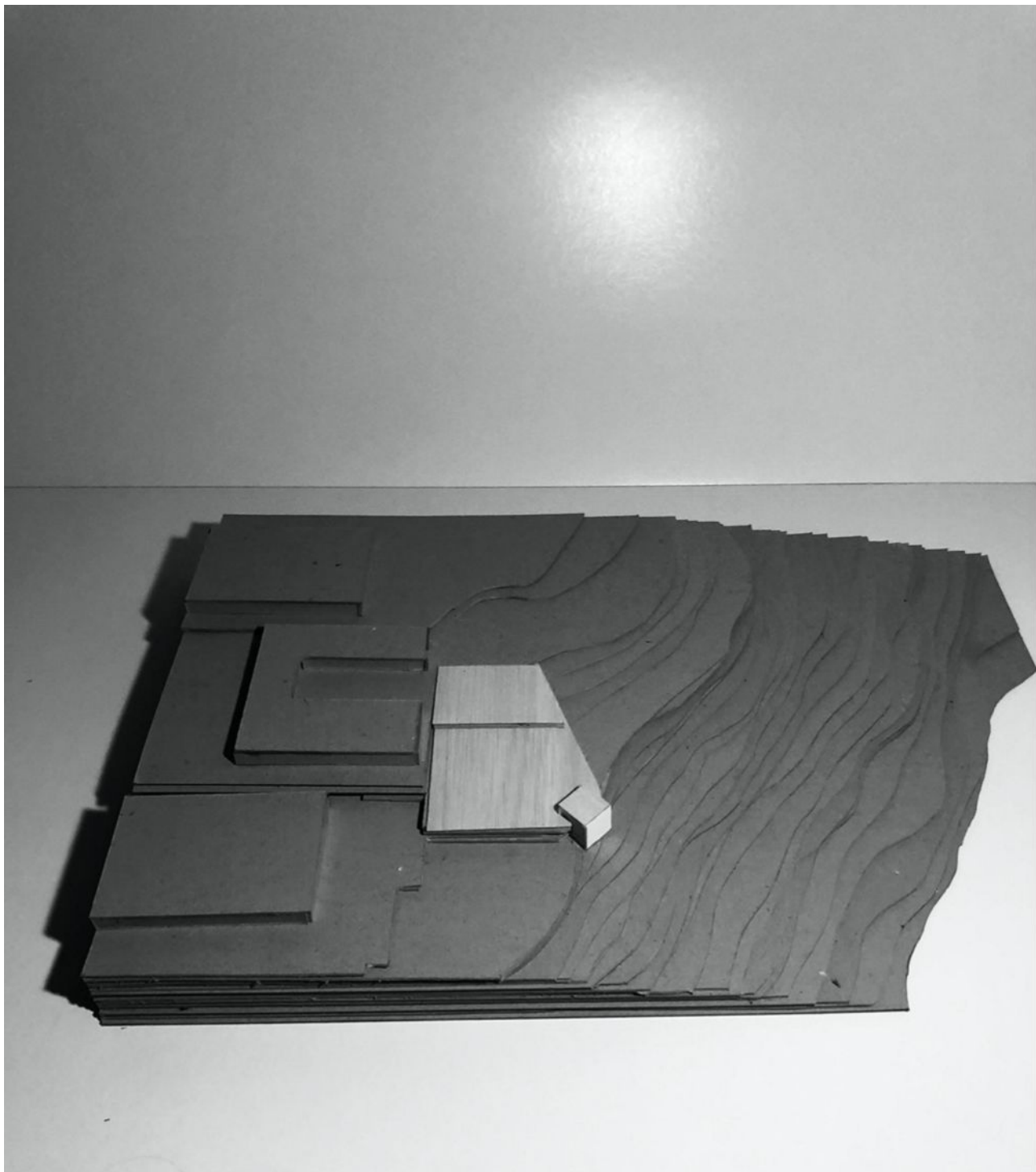


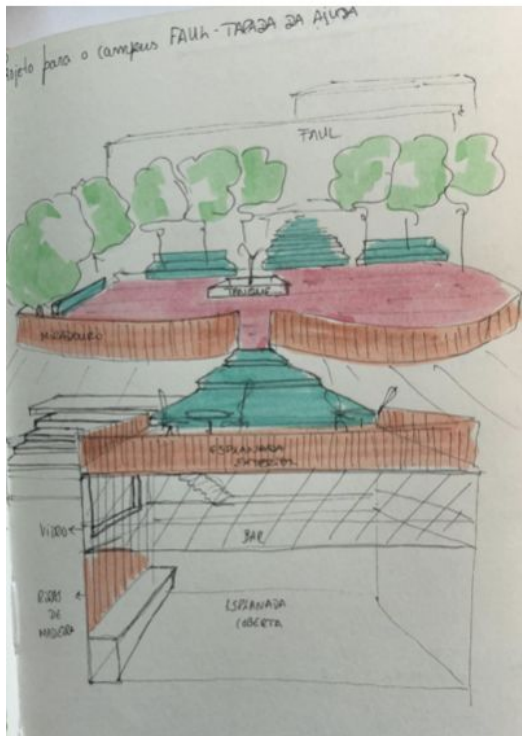
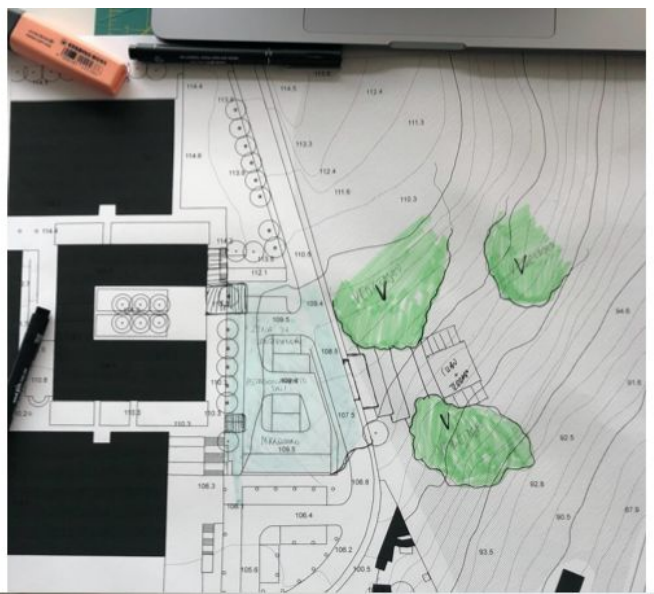
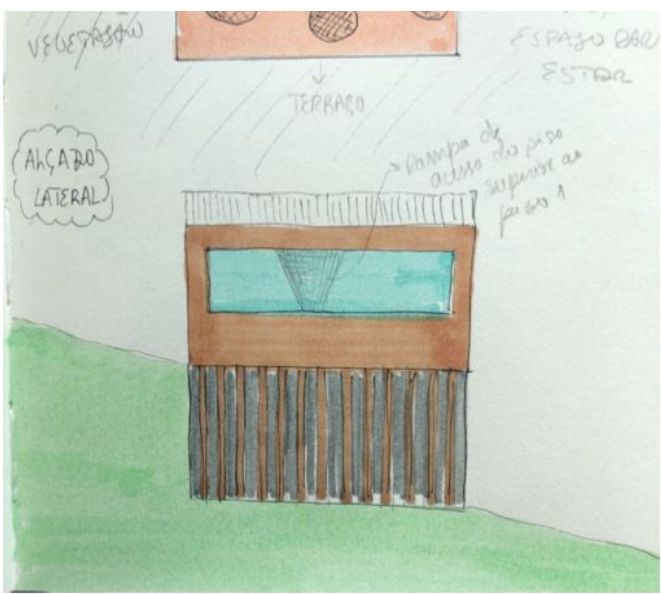
visão serial



Processo







Leituras comentadas

Texto # 1
A Arquitetura
Le Corbusier

A composição arquitetônica não deverá ser baseada em abstrações, nem tão pouco reduzida às suas expressões gráficas, é um processo fundado em fontes que surgem e sustentam as arquiteturas.

Essas fontes são, desde logo, o local onde se pretende intervir e todo o acervo histórico e cultural que ele representa, o qual irá influenciar o processo de criação na arquitetura, bebendo os elementos mais significativos e relevantes da cultura e da história de uma comunidade, a diferentes escalas.

Por outro lado, patrimônio histórico e cultural individual, ou seja, do autor, é outra das fontes ou pilares que influencia o processo de composição criativa na arquitetura.

A vivência mundana acumula conhecimento estético de diferentes culturas, de locais com geografias diversas, que enriquecem e moldam a sua capacidade criativa, fundada nos elementos mais relevantes que a história e as tradições culturais lhe possam transmitir.

Texto # 2
The Parthenon, Athens (RUIN)
Edward Hollis

A afirmação de *Edward Hollis* de que *"a arquitetura é muitas vezes imaginada como se os edifícios não mudassem, e nunca devessem mudar"*, referindo-se ao caso o Partenon, que começou por ser um templo em Atenas, mas mais tarde usado como uma mesquita e um depósito de munições, quer dizer que para os arquitetos o que interessa naquele monumento é *"a pureza das suas linhas, a solidez da sua construção, a perfeição da sua colunata"*.

Hollis ao referir que *"os ditos confiantes da teoria da arquitetura são minados pelas vidas secretas dos edifícios, que são caprichosos, multiformes e imprevisíveis.."* quer dizer que devemos tratar os grandes edifícios como entidades vivas em vez de objetos preciosos e atemporais.

Hollis na sua abordagem sublinha a necessidade de introduzir um senso de pragmatismo na preservação arquitetónica, reconhecendo o valor cultural que terá sempre que existir na preservação do nosso ambiente construído.

Texto # 3

As Fases da Nova Arquitetura desde 1900

Pierre Francastel

Logo em 1919 aparece a primeira escola de design do mundo a Bauhaus, criada pelo arquiteto Walter Gropius. O nome Bauhaus é a junção dos termos alemães "bauen" (para construir) e "haus" (casa). Localizada na Alemanha, ela foi responsável por grande parte do desenvolvimento da arquitetura moderna no século XX.

As obras criadas na escola Bauhaus faziam o uso de materiais pré-fabricados e privilegiava a simplificação dos volumes, as formas geométricas e as linhas retas. As coberturas eram planas e as paredes brancas e lisas, geralmente, sem decoração. Vão grandes com vidraças também são exemplos de características de obras do movimento.



Houve um momento em que a arquitetura modernista passou a ser muito criticada, o que causou o seu "fim" nos anos 70. Os arquitetos mais jovens alegavam que o estilo causava "monotonia" nos espaços urbanos, além de não deixar claro o que era espaço público e privado, tornando esses ambientes "espaços de ninguém".

Texto #3: *As fases da nova Architectura desde 1900* | Pierre Francastel

Texto # 4

A construção do sentido em arquitetura

J. D. Gorjão Jorge

Sendo a dimensão funcional e estética fundamentais na arquitetura, há, todavia, um ímpeto inconsciente ou ideológico que constitui a dimensão poética e social da arquitetura, um valor de troca e não somente de uso. O que Gorjão propõe é que o arquiteto deixe de ser apenas um técnico, para voltar a ser um planificador e dê um sentido para a vida humana.

O Arquiteto tem que unir criatividade, estética e acrescentar o lado humano. Além de garantir que o espaço seja bem aproveitado, que seja funcional, é preciso pensar na experiência das pessoas que passarão por ali. Nesse sentido, o arquiteto, em particular o especializado em espaços interiores, tem que trabalhar como um "meio conformador da apropriação do espaço". Trata-se de humanizar os espaços.

Não basta deixar o ambiente agradável, seguindo apenas padrões técnicos e estéticos, como um "pronto a vestir". Pelo contrário, é preciso oferecer qualidade de vida, bem-estar, satisfação para as pessoas que ali irão conviver.

A humanização dos espaços acontece quando o projeto é pensado a partir do público-alvo. Por exemplo, numa casa, serão os moradores, numa empresa serão os colaboradores e clientes. Uma loja de roupas merece um projeto humanizado por várias razões. Se ela não for

visualmente convidativa, poucas pessoas serão atraídas a entrar. Além disso, se ela não for acolhedora ao ponto do cliente se sentir satisfeito e querer passar mais tempo lá, a probabilidade dele não voltar é grande.

Portanto, é preciso pensar na relação que a pessoa vai desenvolver com o espaço. Quando uma empresa vai começar a atuar no mercado, ela pesquisa o público-alvo, Isso serve tanto para saber se o cenário é favorável, como para planejar campanhas de *marketing*, bem como para projetar, arquitetonicamente, o seu espaço interior e exterior.

Além de proporcionarem bem-estar e conforto, os espaços humanizados aumentam as relações de convivência. São ambientes que além de serem esteticamente atrativos, trazem na sua concepção valores sociais e culturais.

Desta forma, é importante entender a influência que esses lugares exercem sobre na vida das pessoas, seja como trabalho ou lazer. É importante conversar com o cliente, compreender quais são suas verdadeiras necessidades e o que ele espera viver naquele espaço.